

Lúcia Mendonça de Andrade

UM
NOME
UMA
MULHER

“Essa mulher sou eu
é você
somos nós”.

Um nome, uma Mulher

- Essa mulher sou eu, é você, somos nós -

LÚCIA MENDONÇA DE ANDRADE

Um nome, uma Mulher

GOIÂNIA, GOIÁS
2003

Copyright © 2003 by Lúcia Mendonça de Andrade.

Programação Visual:
Bia Barros

Capa:
Bia Barros

Impressão:
ASA GRÁFICA
Rua 15 nº 117 - Setor Marechal Rondon
Fone: (62) 211-3859 - Cep 74.560-460
Goiânia - Goiás

CIP - Brasil - Catalogação na fonte
Biblioteca Pública Estadual Pio Vargas

AND Andrade, Lúcia Mendonça de.
nom Um nome, uma mulher: essa
mulher sou eu, é você, somos nós / Lúcia
Mendonça de Andrade. Goiânia: 2003.

84 p.
I. Literatura brasileira - auto-ajuda - auto
- reflexão. II. Título.

CDU: 929(817.3)

Índice para catálogo
sistemático:
Literatura goiana - auto-ajuda
CDU: 929(817.3)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a
reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma
ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por
escrito da autora. A violação dos Direitos Autorais (Lei
nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código
Penal Brasileiro.

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil 2003

Essa mulher sou eu,
é você, somos nós

Reflexão,
Romance e
Poesia, um jeito
de ver a vida.

Reflexões
de uma alma
de uma vida

Da fonte que bebo,
desejo que todos se
abasteçam.

DEDICATÓRIA

Para:

Maria, de Nazaré.

Marieta, minha mãe.

Aurora e Albanir, minhas irmãs.

Virgínia e Fernanda, minhas filhas.

Bia, minha nora.

Patrícia, uma amiga e psicóloga especial.

Também para você, que me tem em
suas mãos.

AGRADECIMENTOS

À minha numerosa família que tanto admiro.

Aos meus amigos, poucos, mas de qualidade.

À Keyla e ao Rodrigo que me auxiliaram na digitação deste trabalho.

À amável e querida companheira Lúcia Maria Ribeiro de Rezende que com muito brilho revisou cada texto.

A Jesus Cristo, o dono da minha vida.

HOMENAGEM

À minha avó materna Aurora Costa Machado de Mendonça, que aos 96 anos de vida e mãe de 14 filhos, continua sendo independente, lúcida e feliz.

APRESENTAÇÃO

Neste livro, o leitor poderá, sem dúvida, encontrar o próprio rosto. Num misto de ternura e senso da realidade, a autora vai se revelando passo a passo e em cada situação, de modo que suas vidas se encontram.

De maneira simples e consciente, ela consegue despertar nos corações o verdadeiro sentido da vida.

Esta grande mulher nos transmite conhecimentos imensuráveis, levando-nos a refletir sobre a importância do amor em todas as suas nuances, a toda a humanidade.

Antônio Almeida
editor

INTRODUÇÃO

Sempre gostei do sentido das palavras.
Hoje percebo a força do significado das mes-
mas. Entro na fase de ouvir mais que falar.

Descobri que o silêncio tranquiliza o meu
ser, dando-me assim uma grande facilidade em
perceber e compreender as pessoas.

Sinto-me feliz ao rever o meu passado e
poder dizer que as letras e as pessoas fizeram
a minha história
que também é sua.

Meu nome é Clara, mas quem sou eu?

Hoje sei que sou alguém livre para conviver comigo mesma e com quem se fizer necessário. Além do nome, sou uma pessoa especial que, à custa de uma grande e sofrível procura, pôde perceber que o tesouro tão buscado estava aqui, bem perto, o mais perto possível, no meu coração.

Esse tesouro é o contato com os próprios sentimentos. Sentimentos aceitos, respeitados, levados em conta. Só assim, em sintonia com a minha dignidade, terei condições de, livremente, atender aos reclames das pessoas, ou das circunstâncias que me cercam. Sendo sincera em meus atos terei como acréscimo, não só a simpatia alheia, como também um profundo senso de autoconfiança e liberdade.

Agora posso dizer: meu nome é Clara, é um prazer conhecer-me.

Desde aquela manhã, em que, no silêncio de mim mesma, consegui compreender quão distante me encontrava dos meus sentimentos reais, e que num lampejo de consciência pude ver, amar e receber o meu coração como meu, sinto prazer em saber quem sou. Sempre apreciei meu nome, mas não percebia que o nome lembra alguém, e esse alguém deve estar presente nele, eu não estava. Hoje sinto que tenho um nome e sou uma pessoa.

Uma mulher que, apesar das dificuldades, quer e busca a própria identidade. Não mais farei no meu dia-a-dia nada que não desejar. Colocarei em minhas atitudes e atividades, além da dedicação e persistência, uma dose de amor, porque só posso fazer bem aquilo que faço porque desejo fazê-lo. Quero que minha intuição esteja sempre livre a fim de me indicar com segurança os sinais emitidos pelo meu coração. Quer seja na escolha de uma música, de um livro, de uma roupa, no preparo de uma comida, na escolha de uma amizade ou no tempo para estar e ouvir meu filho ou meu companheiro.

Percebo que ao voltar a atenção aos meus sentimentos, meus pensamentos e atos se tornam benéficos, agradáveis e livres. “Se é do coração que procedem as fontes da vida¹”, logo se faz necessário dar a ele, e não à razão o primeiro lugar. Por exemplo: de imprevisto sofro uma agressão injusta, o que provoca-me uma profunda raiva. De início vou dar um tempo para a raiva. Não vou abafá-la racionalizando-a, nem vou deixá-la explodir correndo o risco de ferir outras pessoas. Depois de consciente de como estou me sentindo, vou procurar resolver, na prática, a questão.

Se percebo que estou ansiosa e começo a perguntar-me o por quê, minha imaginação poderá apontar mil causas sem definir a exata naquele momento, o que me tornará mais ansiosa. Porém, se volto a mim e com atenção pergunto-me: No que tenho pensado? O que tenho falado? Como tenho expressado meus desejos?

A resposta por certo virá, porque não fingi nem fugi do meu sentimento; antes, aceitei-o e assumi.

Enquanto escrevo, ocorre-me o seguinte: E ela crescia em estatura e graça diante de si mesma.

Pode-se duvidar, mas tudo tem o seu tempo.

Tempo para buscar.

Tempo para sofrer a busca.

Tempo para se alegrar com a resposta.

Fica evidente que se recebe quando se busca.

Busquei amor dando amor como sabia dar.

Nesse caminho sofri limitações, errei quando pensava acertar, magoei quando pensava agradar, fui ferida, chorei, senti solidão, mas busquei sem cessar a minha paz.

Muitas vezes tive que renunciar ou adiar meus projetos pessoais; hoje, posso admitir que minha falta de maturidade pode ter sido a causa maior de grandes perdas, porém, por estar presente nas situações, muito aprendi e sou grata por cada etapa vivida. Nasci no primeiro dia da primavera, 23 de setembro de 1951, na cidade de Santa Isabel, Goiás. O Sol marcava meio-dia. Foi um parto difícil, eu e mamãe sofremos muito, sem contar a dor da impotência experimentada pelo papai, que só recobrou a alegria quando me tomou em seus braços. Fui a primeira de seis irmãos e pareço-me com ele. Nessa família pude aprender o que seja honestidade, lealdade e trabalho. Desde pequena fui solicitada a partilhar com meus pais os meus sonhos e esperanças. A

falta de recursos em todos os níveis, deixaram marcas. No entanto, sempre houve lugar para a alegria e o gosto pela vida em todos nós.

Meu pai, um homem simples, observador, educado e bom.

Minha mãe, jovem, bonita, criativa e energética. Ambos, apesar das diferenças, souberam conciliar o que de melhor havia em suas personalidades e isso refletiu na educação que nos deram. Também nos ensinaram a amar a Deus em espírito e em verdade. Apesar de uma vida difícil, a fé e obediência ao Senhor eram o nosso modo de expressão em tudo. Vivi minha infância no campo, aprendi a gostar e reverenciar a Natureza. Sempre inclinada à observação, extraía belas lições de tudo o que via e ouvia.

Estudei em Goiânia o tempo suficiente para me apaixonar pela arte da leitura e da escrita. Foi amor à primeira vista pelo livro, embora tal aventura tenha durado muito pouco tempo. Trouxeram-me de volta por dificuldades financeiras. Ainda jovem e imatura, entreguei-me aos encantos do amor. Com dezoito anos e Mário com vinte e cinco, já estávamos casados.

Década dourada dos anos 70. Grandes avanços na ciência, na política e na moral.

Mentes abertas para o novo, questionamentos e reflexões. Nesse clima exuberante eu também começava minha lenda pessoal. Com passos tímidos, comecei andar por caminhos desejados, mas não conhecidos. Casamento de princesa, cabecinha de Cinderela. Beleza, música, flores, esperanças. Corações excitados. Pena que na vida os contos de fadas quase nunca se realizem. É verdade que, em alguns casos, o sonho permeia a realidade de tal modo que as pessoas parecem iluminadas. Gestos suaves, falas mansas, olhares acolhedores, idéias afins. Essas famílias conseguem vencer com harmonia os inesperados e duros reveses. Cada um assume e vive o seu papel, tornando o ambiente propício para a reflexão e o entendimento. As notas dissonantes não comprometem a sinfonia, porque são cuidadosamente examinadas e reconsideradas. A vida transcorre com serenidade. No compasso do amor e da criatividade, cada um dá o melhor de si nos momentos de dúvidas e incertezas. A sorte sorri para quem pensa nela com um sorriso apesar das lágrimas.

As pessoas hostis — a grande maioria — hostilizam o seu universo de ação, reagem mal mediante o menor sinal de dificuldade, crian-

do, assim, obstáculos que somados tornam-se intransponíveis. Incapazes de se olharem nos olhos e perceberem no espelho da consciência a sua imagem distorcida, lançam sobre os outros seus desprazeres. Apagam-se os sonhos como luzes de velas ao vento. Quem deixa de sonhar, passa a roubar os sonhos alheios e os enterram. A vida se torna pesada, monótona, triste.

Sem Príncipe, a Cinderela perde o encanto, torna-se apática e angustiada. Vive por viver, cumpre os deveres sem motivação, conversa no pensamento sem conseguir falar o que deseja a quem precisa ouvir. Sem perceber, cria um castelo de solidão e fantasias dolorosas em torno de si. Enclausurada, morre prematuramente, embora viva até cem anos. Um desperdício de possibilidades. O balanço final da sua existência é desanimador: um marido sombrio, filhos problemáticos e ela, tentando remediar o que perdido está.

Se como eu fui, você é essa Cinderela, saiba que a chave que abre a porta do seu castelo está em suas mãos. Ela e o seu poder de decisão. Decida por você. Reaja a seu favor, tornando-se responsável pela sua felicidade. Esse é o único modo de fazer o seu

ambiente feliz, e as pessoas que a cercam. Sinta-se mulher, com o poder de decidir e buscar o belo nas pequenas coisas. Você está viva! E essa é uma boa notícia.

Um dia disse a mim mesma: EU EXISTO. Eu sou o que decido ser a partir do que meu coração me diz. Quero viver bem na minha intimidade mais profunda. Desenvolverei o gosto de me olhar, de sentir minhas mãos, de ouvir minha respiração. Quero estar presente às minhas emoções mais simples. Sem criticar-me, sem julgar os atos alheios, sem cobrar atenção, sem exigir nada, terei tempo para observar o que é que sou capaz de oferecer a mim e aos outros.

O outro também existe e sempre está ao meu lado, embora no meu egocentrismo por vezes não o veja. Ele sente, ele é limitado, ele deseja ser aceito, admirado, percebido. Afinal, tudo que sofro, tudo que desejo, pode ser o que ele também deseja e não sabe administrar.

Ser político, empresário, cientista, artista ou mestre de renome, nada disso é garantia de paz interior.

Pode-se ganhar o mundo e não saber discriminar o mundo interno, os ditames do coração. E sem esse toque primário o vazio

existencial se instala, e a compensação é o uso de narcóticos como o álcool, o fumo, as anfetaminas, o sexo compulsivo, a depressão, o ódio, a indiferença.

Em sua analogia, homem e mulher são seres que buscam os mesmos horizontes. É lamentável que quase sempre ignorem o primeiro passo, o mais original, que é o autoconhecimento, o dar ouvido à voz suave e poderosa do coração. Vivi dramaticamente o meu casamento, sofri e fiz sofrer. Hoje, com a experiência adquirida, posso afirmar que o meu maior pecado foi o desconhecimento ou o distanciamento de mim mesma.

TUDO QUE ESCREVO é resultado do que vivenciei. Não matei a minha Cinderela, mas não permito que ela me controle. Gosto do seu lado meigo e sonhador, mas temo sua malícia e sutileza quando se faz de vítima. Príncipes e Cinderelas, cresçam. Se crescer dói, vale a pena sentir essa dor.

Casei-me com um homem obstinado, dominador e dominado pelo ciúme. Travei batalhas contra esse sentimento. Foram longos anos que passei buscando uma base para os meus pés. Permaneci a postos, ainda que

quase sem forças. Enquanto tentava entender a situação, perdia tempo e oportunidade de acertar com ele, de renovar contratos, isto é, expor o quanto sua atitude me feria, e que juntos, podíamos descobrir o que o fazia sentir-se tão inseguro. Ele tinha dificuldade em aceitar os próprios sentimentos, reagia com grosseria e muita raiva. O caminho seria motivá-lo a entrar em contato com sua dor, a falar sobre ela. Eu não soube separar o sentimento da pessoa que era ele. O mal-estar causado pelo ciúme nos fazia perder de vista um do outro. Hoje, sei que o ciúme causa sensações desagradáveis como rejeição, perda, incapacidade, solidão, baixa-estima. Solicitar à pessoa a descrever o que sente, e em que situação sente-se pior, é um meio de fazê-la se conscientizar e assumir o problema. Definindo o que se espera do outro e o que pode ser feito, ameniza-se a angústia dos dois.

Nesse caso, além do trabalho sistemático naquilo que a pessoa gosta de fazer, a prática religiosa e o auxílio terapêutico são medidas salutares, porém, depende do grau de percepção de cada um. Há indivíduos que se ajudam, outros não admitem qualquer interação externa que possa lhes facultar a

saída do próprio casulo — o nosso doente era assim. Para tais criaturas, resta a dedicação e o esforço múltiplo daqueles que se propõem a amá-los incondicionalmente. O crescimento é vagaroso mas é possível.

É assim que tenho oferecido parte do meu tempo.

Para mim, viver é investir naquilo em que se acredita. Às vezes, deposito mais do que recebo, mas a continuidade do meu investimento garante-me retorno em qualidade. Cada noite mal dormida, cada lágrima, cada dia de espera, tudo isso são dádivas, pois tenho um alvo que desperta em mim o desejo de continuar.

Causando o bem, minha integridade firma-se mais e mais. O prazer da resposta na forma de um sorriso, de um abraço, ou de um simples olhar mostra-me que vale a pena estender a mão. Provocar alegria e paz onde a indicação para a tristeza e o desajuste eram evidentes, traz-me êxtase, meu coração e espírito se unem, deles saem gotas de luz. Luz que beijou o pântano. Luz que apontou caminhos e renovou esperanças. E, afinal, uma voz suave, quase inaudível balbúcia: Não fiz por você, fiz por mim, em nós dois...

A vida não tem sentido quando não se volta o olhar para o crescimento mútuo entre as pessoas. O amor ágape é uma realidade benéfica para aqueles que buscam experimentá-lo.

Meu destino sou eu que o faço, “posso optar por ser feliz apesar de sofrer e posso ser infeliz apesar de possuir todas as regalias da vida”, disse Huberto Rohden².

É verdade que, às vezes, o cansaço parece minar as esperanças, mas o amor fala mais alto e a luta continua cheia de sonhos e entregas. O importante é que sei que a minha existência é uma oportunidade de atualização da minha essência. Sou forte, sou capaz, sou revestida de graça e poder. Do meu íntimo sai aquilo que se faz mister.

Quando meu primeiro filho nasceu, lembro da sensação que pude sentir ao inteirar-me de sua presença comigo, face a face. Seu coraçãozinho batia rápido, seus olhinhos preguiçosos quase que nem me percebiam, e o sono acalmava seus gestos. Um bebê e a possibilidade de crescermos juntos. Logo percebi que ele sempre me ensinava grandes coisas. Espontâneo, feliz, autêntico, cheio de confiança e perdão era, por inocência, o que eu deveria ser por sapiência. A cada dia sua companhia tornava-me

mais consciente do quanto, por ignorância, deixei de facilitar sua vida. Quantas vezes fui estorvo, fazendo diante de seus olhos o que não deveria fazer nem sozinha. Por ser ingrata, era insatisfeita — sempre associo qualquer desequilíbrio à falta de gratidão. Deus sempre nos dá abundância de bens e um coração grato é sempre sereno e feliz — e muitas vezes ensinei o que não praticava. Extraía muito dele e não me tocava de que minhas atitudes eram espelho para sua alma em formação.

À medida que crescia, podia ver no meu filho traços de sua personalidade, favorecidos ou prejudicados pelo meio limitado em que vivia. Confesso que essa lucidez trazia-me um senso de incapacidade que só era superado pelo encanto que o seu ser emitia. Seu sorriso aberto, seu carinho e sua voz que soava como lenitivo nos meus momentos de apreensão, era como voar pelas nuvens e sentir a beleza numa outra dimensão. Seu corpinho macio junto ao meu renovava em mim o entusiasmo, transmitia vida.

Havia muita falta de diálogo em nossa casa, o pai nunca iniciava um ajuste, uma reflexão, não sabia ou não queria compartilhar e, assim, sua necessidade de apenas receber era

imensa. O mundo girava em torno dele, nós éramos excluídos. De vez em quando uma gota de atenção e nada mais. Tínhamos pouco lazer e quase nenhuma relação de amizades. Após vinte e um anos de casados nos separamos. E a distância, aliada ao sofrimento nosso e de nossos filhos, fizeram-me refletir sobre tudo e de modo ainda mais responsável. Quando nos casamos o fiz com o propósito de investir na relação o máximo que pudesse e, em troca, esperava o crescimento e a alegria de todos nós. Meu marido não se interessou em olhar nossa vida com esses olhos. Seu único e real interesse era sua profissão, seu dinheiro, seu lazer. Nunca a nossa... o nosso... nós... Para mim e os filhos, ciúmes, acusações, desconfiança. Eu buscava recursos aqui e ali, na tentativa de fazê-lo cair em si. Ele tinha qualidades. Afinal, meu desejo maior era o de que fôssemos felizes. O tempo foi passando, passando...

Nosso primogênito, o Lucas, nasceu em 1971, a Luara em 1974 e a caçulinha Lana, em 1980. Embora amasse sem medida os meus filhos, não planejei nenhum deles, porque pensava no quanto a má comunicação ou a falta de ajustamento entre os pais pode prejudicar tão frágeis criaturinhas. Desde muito nova, percebia o quanto as cri-

anças são injustiçadas e que, a bem da verdade, deveriam existir Universidades obrigatórias para quem desejasse se casar e ter filhos. A tarefa dos pais é, sem dúvida, a mais nobre e mais desprezada em sua profundidade. Qualquer indivíduo acha-se com direito de dar-se a ela, sem nenhum mérito, sem nenhum conhecimento, sem pesar o grau de responsabilidade exigido.

Se é maravilhoso ter filhos, é necessário perguntar a si mesmo se é possível dar a eles condições de maravilharemos também com seus pais. Quanto mais despreparados, mais se fazem filhos. A grande maioria das crianças tornam-se mal amadas e desapercibidas também pela sociedade.

O governo conduz como cego a guiar cegos. O que deveria ser prioridade não o é. Creches, escolas, empregos, justa distribuição de renda. Essa condição só mudará no momento em que cada pessoa descobrir que deve dirigir, com total dignidade e responsabilidade, desde o menor de todos os seus atos, até os mais elevados. O que quero dizer é que as pessoas vivem muito pouco os seus direitos e deveres básicos; por isso, detalhes vitais passam despercebidos. Na escolha do trabalho, da política, do casamen-

imensa. O mundo girava em torno dele, nós éramos excluídos. De vez em quando uma gota de atenção e nada mais. Tínhamos pouco lazer e quase nenhuma relação de amizades. Após vinte e um anos de casados nos separamos. E a distância, aliada ao sofrimento nosso e de nossos filhos, fizeram-me refletir sobre tudo e de modo ainda mais responsável. Quando nos casamos o fiz com o propósito de investir na relação o máximo que pudesse e, em troca, esperava o crescimento e a alegria de todos nós. Meu marido não se interessou em olhar nossa vida com esses olhos. Seu único e real interesse era sua profissão, seu dinheiro, seu lazer. Nunca a nossa... o nosso... nós... Para mim e os filhos, ciúmes, acusações, desconfiança. Eu buscava recursos aqui e ali, na tentativa de fazê-lo cair em si. Ele tinha qualidades. Afinal, meu desejo maior era o de que fôssemos felizes. O tempo foi passando, passando...

Nosso primogênito, o Lucas, nasceu em 1971, a Luara em 1974 e a caçulinha Lana, em 1980. Embora amasse sem medida os meus filhos, não planejei nenhum deles, porque pensava no quanto a má comunicação ou a falta de ajustamento entre os pais pode prejudicar tão frágeis criaturinhas. Desde muito nova, percebia o quanto as cri-

anças são injustiçadas e que, a bem da verdade, deveriam existir Universidades obrigatórias para quem desejasse se casar e ter filhos. A tarefa dos pais é, sem dúvida, a mais nobre e mais desprezada em sua profundidade. Qualquer indivíduo acha-se com direito de dar-se a ela, sem nenhum mérito, sem nenhum conhecimento, sem pesar o grau de responsabilidade exigido.

Se é maravilhoso ter filhos, é necessário perguntar a si mesmo se é possível dar a eles condições de maravilharem também com seus pais. Quanto mais despreparados, mais se fazem filhos. A grande maioria das crianças tornam-se mal amadas e despercebidas também pela sociedade.

O governo conduz como cego a guiar cegos. O que deveria ser prioridade não o é. Creches, escolas, empregos, justa distribuição de renda. Essa condição só mudará no momento em que cada pessoa descobrir que deve dirigir, com total dignidade e responsabilidade, desde o menor de todos os seus atos, até os mais elevados. O que quero dizer é que as pessoas vivem muito pouco os seus direitos e deveres básicos; por isso, detalhes vitais passam despercebidos. Na escolha do trabalho, da política, do casamen-

to, enfim, desde a mais tenra idade e por toda vida, nossas decisões delineiam nossos caminhos. Uma atitude incoerente gera grandes sofrimentos.

A felicidade dos filhos, por exemplo, começa no momento em que o casal decide pelo casamento. O respeito, o cuidado, a entrega em benefício da realização mútua deveriam ser exaustivamente exercitados durante o tempo do namoro. Isso porque a fantasia, a idealização, o encantamento romântico, na maioria dos casos, inibe o conhecimento verdadeiro de suas personalidades. E o maior legado que um casal pode deixar para os filhos é o entrosamento seguro, claro e amoroso entre os dois.

A criança, desde o ventre até aos seis anos de idade, precisa sentir a harmonia e adaptação nos sentimentos e nas atitudes dos pais; primeiro de um para com o outro, depois dos dois para com os filhos. Eles precisam da certeza de que estão em segundo lugar; o primeiro deve ser naturalmente do papai e da mamãe. A família deve ser um universo de amor e limites.

Uma criança que durante a gestação não é levada em conta: os pais brigam, bebem e fumam; que após o parto é retirada

para longe da mãe, num parto nada humanizado; que lhe seja negado o direito de mamar ao seio, por vaidade ou ignorância da mãe; ou que ainda pequena é levada para a escola e de má qualidade porque os pais não lhe podem fazer companhia, tem tudo para ser uma criança doente e depois um adulto problemático.

Também os brinquedos, a TV, o vídeo, o computador, nada pode substituir o toque, o olhar, o carinho e o diálogo no lar.

O homem que chegando em casa sente que pode, até como terapia, ensinar os filhos a guardarem os brinquedos, dobrarem suas roupas sujas, cuidarem dos sapatos, juntos lavarem louças, passarem uma camisa, jogarem dominó, contarem uma história ou até irem todos a um curto passeio é, sem dúvida, muito mais feliz. A busca da sobrevivência, do conforto ou da vaidade pessoal não pode, de modo algum, impedir o convívio de inter-ajuda e de prazer doméstico. Tudo é exemplo, tudo é aprendizado. Estar com os filhos é o maior investimento, o mais prazeroso e saudável. Sua durabilidade é para sempre.

No mundo em que vivemos, parece descabido falar em aconchego, em ternura,

em tempo para se ouvir e falar. Mas se a corrida frenética em busca de satisfação intelectual e financeira nos afastar desses valores fundamentais, cedo ou tarde haveremos de lamentar dolorosamente tal distanciamento. Pude concluir essas verdades observando, sentindo e sofrendo a cada dia, a presença ausente daquele que poderia ser o meu companheiro nesta delicada missão. Juntos podíamos ter oferecido muito mais e desfrutados momentos de rara beleza e gratificação.

Quando descobria que estava grávida, assumia e defendia de corpo e alma os meus filhos. Amava, sonhava, trabalhava e esperava com carinho sua chegada. Escrevi suas travessuras desde o berço. Hoje as leio causando risos e emoção. As brincadeiras de Tarzan, Zorro, Policial, Teatro, Médico, Escola, Casinha com cozinhadinhos sempre foram acompanhadas de zelo e liberdade. Às vezes, a casa toda se tornava o cenário lúdico de longas conversas com bonecas, meninos e meninas. O real se misturava com o imaginário, e a atmosfera do lar parecia invadida por seres especiais e espaciais. Sem interferir, eu conseguia liberar minha criança interna e mais que eles próprios, participava e sentia-me feliz.

Os momentos de dores e angústias existenciais eram sublimados pelo desejo e pela força de vida que nos envolviam. Chorar, brigar, rir e brincar, tudo era sentido e permitido de minha parte.

Na minha limitação, fui amiga e cúmplice de cada um deles em suas particularidades e diferenças. Se choramos juntos, também nos alegramos bastante.

Minha casa era o meu mundo, aqui buscava compreender e avaliar nossos sentimentos sem perder de vista o mundo lá fora. Escrevi, li, observei e amei a vida como ela se apresentava em cada situação. Hoje, sinto-me forte e capaz de continuar o meu amor, através dos filhos dos meus filhos e de outros mais.

O Lucas deu-me um neto admirável, o João Gabriel. Pele clara, olhos e cabelos pretos, independente e criativo. Gosta de tocar meu violão com pinta de artista. Aos seis anos, receberá sua irmãzinha que já vem. O Lucas é um pai digno e amoroso, orgulho-me por ser sua mãe.

A Luara confia comigo sobre a educação dos seus filhos. Fico envaidecida ao observar que tem sido serena, amável e segura na relação com as crianças, apesar de

sua pouca idade. Ela tem um menino e uma menina; são fortes, felizes e bem atendidos, é visível a ternura, o respeito e a entrega que tem norteado cada fase de suas vidinhas, pelos seus pais. Lembro-me do dia em que na Maternidade Modelo, sua filha nasceu. Estávamos em três: meu genro, ela e eu. Acima da dolorosa apreensão, houve uma indizível alegria e uma mágica sensação de unidade e amor entre nós. Recordo a carinha de boneca que já veio ao mundo linda. Penso que foi um dos momentos mais significantes da minha vida, era como se eu mesma desse à luz duas filhas — a neta e a sua mãe! Quando nasceu o segundo, não pude estar presente; cheguei logo após e muito me alegrou sua doce presença.

Abraçar, beijar e ouvir cada um deles é uma realização de valor inexplicável. Usufruo cada oportunidade de encontro com todos eles. São a continuidade de mim mesma e isso é ótimo!

Viver não é fácil, mas é fantástico estar aqui e ter disposição para colher as gotas de bênçãos que caem em nossas mãos, até que nossa medida transborde. Amar e ser amado será sempre o nosso alvo, porque é o nosso modo natural de expressão de vida.

E por falar em amor, quando meus filhos ainda pequenos estavam dormindo, eu entrava pisando de leve em seus quartos para certificar-me de que estavam bem e sorrindo em ternura agradecia a Deus por tamanha felicidade. Era uma sensação de onipotência e unidade que só sentindo para saber como é. Amados e cuidados, o tempo passando rápido... Os pensamentos deles vão se formando, o corpo vai se modificando, dando notícias diferentes, e quando se percebe, já são adultos e independentes. Livres para alçarem vôos em busca de novas experiências e modos de vida que, às vezes, nem compreendemos, lá vão eles. Nosso coração apertado pela saudade antecipada procura acomodar-se como pode. Deixando o nosso convívio no arquivo da memória, cheios de esperanças passam a viver onde seus talentos se encontram com as necessidades do mundo. Cooperar e competir, afinal, é esse o processo de interdependência que move cada um nesse imenso campo de ação que é a sociedade humana.

Lamento apenas que haja pessoas que, no caminho dessa realização, possam se perder, invertendo os valores reais. Muitas se deixam levar pela ânsia do conhecimento buscando domínio e poder, simplesmente.

Outras concentram suas forças no ato de acumular bens materiais, às custas da injustiça e impiedade. Não me refiro somente às pessoas notórias, mas às pessoas comuns do nosso dia-a-dia. Viver com critério é lembrar que somos humanos a tratar com humanos, vencendo toda tendência individualista nas nossas expressões mais comuns e corriqueiras. A exemplo, posso colocar o que me aconteceu hoje. Levantei a pá com um pouco de terra das plantas e joguei por cima do muro, no lugar em que os pedreiros vão limpar e fazer uma calçada. Era terra, só por isso joguei, e era um pires de terra. Não percebi nem pensei que pudesse haver alguém por ali naquela hora. Mas lá estava um senhor muito meu conhecido, advogado e dono da obra. Ele, não sei se me vendo ou não, emitiu dois gritos bem altos e exasperados. Nisso já entrava no meu alpendre. Olhei para sua alterada figura e calmamente lhe disse: Senhor Luiz, a raiz da sua árvore está arrancando parte da minha casa, o que parece grave, não é? Ele se assustou e saiu. Há poucos dias o procurei para tratar da tal raiz, com prudência e clareza. Ele vai solucionar o caso quando quiser; porém, um pires de terra o fez reagir tão mal...Fiquei triste. A reação

inconsciente dele e suas palavras, lembro-me agora, dizia aos gritos: "Ah, o ser humano não vê que não pode jogar lixo aqui?"

Quanta incoerência em apenas algumas poucas palavras. Com o que lhe respondi, minha intenção foi de provocá-lo a uma auto-reflexão instantânea. Penso que deu certo. Imagine o quanto esse homem se encontra armado contra o próximo e ainda questiona o ser humano. Fiz um pequeno inventário mental sobre sua história familiar que conheço bem e pude avaliar que a violência está bastante ligada ao papel biocultural das pessoas. Com isso, não justifico sua reação, apenas entendo que a violência é um fenômeno complexo em extremo e que, a partir do momento em que a pessoa se afasta de si mesma, sua lógica propensão é de não perceber também o outro. Isso me faz pensar na "Norma de Direitos Humanos" e no quanto ela deve ser revista.

Os direitos humanos permeiam nossas atitudes nos menores gestos. Basta-nos lembrar que a Humanidade é composta de pessoas individuais. Sou eu, é você, somos nós que podemos mudar a face do mundo. Estamos dispostos a entrar nesse processo consciente de ver o outro como uma exten-

são de nós mesmos?

É preciso lembrar que os conflitos e guerras nascem nos berços, aqui e ali. Homens que recebem instrução sem nada de educação desde a mais tenra idade.

A guerra é a coisa mais desprezível que o ser humano poderia inventar. Sinceramente não entendo como podemos admitir que ela exista e não fazermos com que, pelo menos em nossa casa, haja paz. A criatura humana é reflexo do amor de Deus. Sendo assim, não há como viver e crescer senão dentro da esfera do amor. Tanto quanto estiver ao nosso alcance, devemos procurar meios de se formar hábitos de comunhão de vida. Tudo o que possa tornar-se objeto de crescimento em vida para mim e para o meu semelhante, nisso devo e quero pensar, até que o amor se torne parte integrante em todos os meus gestos. "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra de Deus³". E ela também nos diz: "Amai-vos ardentemente, outra vez vos digo, amai-vos⁴".

O homem moderno ainda pensa que a paz virá em resposta às guerras. Matar gera matanças. Por que não unir as mãos no encalço de pão para as mesas? Arma significa morte. Alimento significa vida. E se a ciên-

cia e a política se espiritualizarem, este planeta poderá recompor-se em todos os aspectos imagináveis. Os líderes mundiais perderão as forças para o mal. A tecnologia, desde que dominada pelo coração, pode criar maravilhas infinitas. Deus precisa de nossas Mãos...

Não consigo falar de amor, de paz, sem me envolver com o mundo inteiro. É agora, mais do que nunca, temos notícias de todas as nações dentro de nossa sala. As notícias alegres sempre nos parecerão normais porque são com elas que nos identificamos. Por outro lado, aquelas que mostram a face escura do proceder dos homens, desde os tempos mais remotos, abalam profundamente nossas estruturas emocionais. Creio que onde quer que se tenha um aparelho de TV ligado, ainda que inconscientemente, as pessoas retêm para si parte dos males, da violência e dos apelos negativos que a mídia apresenta. Nunca em todos os tempos o mundo esteve tão perto do sofrimento, da dor e do descaso que envolvem as vítimas das guerras, em todas as nações. São homens, mulheres e crianças que revelam o pior quadro da fome e da angústia que a indiferença e o desamor podem causar. Confesso que sinto vergonha de pertencer a esse grupo co-

nhecido e classificado como "seres humanos". Suporto apenas porque sei que Deus existe e não é d'Ele esse modelo de sociedade.

Por trás dessa conduta de maldade universal que temos visto, existe um poder sutil, cujo autor não revela o rosto. Ele cria uma hipnose coletiva capaz de embotar a mente e as intenções dos cultos e incultos, dos fortes e dos fracos, dos grandes e dos pequenos, de modo que, vendo a Verdade não optam por ela. O homem moderno é um homem caído. Tornou-se possuído ao invés de possuir. No corre-corre pelos bens perecíveis, perdeu a simplicidade e o gosto que as pequenas coisas podem trazer. O consumismo destrói a Natureza e o Homem, porque um e outro são explorados ao máximo, sem nenhuma ética — violência e ganância, não sei qual vem primeiro. Nesse círculo vicioso ambos se modificam para pior. Quanto ao consumo, uma pessoa sem referencial num dado aspecto de sua emoção, pode se tornar compulsiva no hábito de comprar. É um meio fantasioso de compensação, talvez da falta de harmonia em família: más ou meias palavras, caras amarradas, indiferenças ou preocupações são si-

nais evidentes de falta de tempo ou de costume na prática da ternura no convívio. Trabalhar, consumir e consumir, tornam-se um perigoso escape. Por longos anos fui expectadora de alguém assim, e com um agravante, retinha tudo para si.

O conforto pode vir de coisas e de modo muito simples, faz enorme bem, quando é buscado e partilhado por todos. Companheirismo é vida dividida e somada, os jovens de hoje precisam desse aprendizado.

Um sinal da falta de envolvimento familiar se dá pelo número de adolescentes grávidas. A escola passa informação sexual, mas os pais passam formação, confiança e segurança. Os riscos e responsabilidades devem ser pensados e repensados. O adolescente busca com avidez ser objeto de apreciação e destaque; sua prova de auto-afirmação quando se dá no namoro é sempre de modo impensado e carregado de emoções. As conseqüências nem sempre agradáveis são freqüentes. É um período de ricas possibilidades para o conhecimento e belezas da vida, em que perdem tempo com divagações, inseguranças e medos. A necessidade de companhia é maior nesse período.

Embora haja uma chamada de consciência para o gosto em se cuidar bem do corpo, através da prática esportiva, a mídia usa artifícios de poder para atrair as mentes ao álcool, fumo e sexo de forma terrível. Com sutileza diabólica, cria um clima favorável ao desajuste onde havia as melhores intenções. Em todo o universo social é alarmante o número de jovens que, prematuramente, entram para esse mundo corrompido e pobre. Causa-me profunda tristeza observar que pessoas tão inteligentes em vários aspectos, possam ser incoerentes em se tratando de vícios.

Os homens, na sua alma, tornam-se vulneráveis quando voltam para os pseudos prazeres do momento. Esquecidos de que são aquilo que escolhem ser, e do critério ao fazer distinção do que seja o prazer real, caem em laços de tormentos. Pensar no que pensar, isto é, escolher os próprios pensamentos, é uma tarefa quase extinta em meio a tantos atrativos vindos de fora para dentro das cabeças. É preciso exercícios e constante vigilância para se conseguir manter a individualidade no que diz respeito aos próprios pensamentos e escolhas. Insisto em que, somente o afeto e o interesse no bem-estar

mútuo pode crescer nossa satisfação como seres ativos em busca do equilíbrio. Buscar a criatividade, intuição e a emoção sublime de estar presente, de lidar com objetos de superação e sustentação mútua nas diversas fases de nossa curta existência, se tomar lugar de prioridade em nossa vida diária, tornará nosso ambiente acolhedor e prazeroso. Música suave, uma prosa amena, gestos calmos e idéias positivas são como bálsamo e trazem descanso. A troca é possível. Faz-se mister criar laços de amor e atenção, pois o outro é aquele que gosta de receber o que gostamos que ele nos dê. Ter consciência da evolução pessoal, focar-se no objetivo de se tornar sempre melhor faz despertar também o potencial de grandeza e magnitude no espírito das pessoas afins. Multiplicar sentimentos bons, despertar-se. Estar no mundo sem se deixar levar por ele é o que nos faz seguros e realmente vivos. É um processo de grande exigência no sentido de mantermos ligados às nossas emoções e desejos originais. A vida é uma prática dinâmica do sentir e amar a si mesmo no Senhor, e a consequência imediata é o grande transbordamento sobre o outro, levando paz e alegria a todos — se nosso presente for bom, no futuro recor-

daremos coisas agradáveis. Viaje comigo num desses momentos belos que vivi:

Era uma linda tarde de verão, à margem do rio Araguaia, inebriada pela beleza a nossa volta, pedi ao meu esposo que descendesse da canoa e se assentasse sobre as gigantes cas raízes de uma árvore. Fotografei-o de modo que nas águas claras seu reflexo se mostrasse. Passados vinte e sete anos, aquele momento precioso se faz presente agora, quando toco e olho a fotografia; tornam-se vivos aqueles doces sentimentos.

E o vinho que bebemos naquela tarde na fazenda, perto da curva da estrada, sentados sobre o tanque de água para o gado? Posso sentir o cheiro do capim, nossas carícias, nossos risos e o anoitecer com a brisa fresca sobre o nossos corpos. Vejo com os olhos da saudade aquele céu infinito pintadinho de estrelas e a minha cabeça no seu colo; assentados ali na área da cozinha, juntos recebemos muitas noites a lua cheia, enquanto as crianças dormiam e o gado exalava o cheiro de seu hálito sagrado, tão perto de nós. Posso ouvir os ruídos e também o silêncio daquelas horas, as mais belas de nossas vidas. Um misto de ternura, mistério, agressividade e surpresas, assim é a Nature-

za, assim somos nós...

Ora o sol escaldante, ora a chuva mansa.

Ora o vento e nuvens escuras.

Ora a tempestade com seus raios e trovões, mas o saldo de tudo isso é a força que nos é dada ao transpor cada prova, com lucidez e presença de espírito.

Hoje tudo é diferente, outras pessoas, outros sentimentos nos cercam. Resta-nos a capacidade de saber conviver com as lembranças e viver novos tempos, novos encontros, novas propostas. Continuar caminhando rumo ao abraço, naquele reencontro que por certo se dará, não se sabe como nem quando.

Veja bem, usei a inteligência da recordação, e pude rever e mostrar fatos amorosos e sensíveis, que se encontram inerentes ao meu ser. Por muito tempo, ao longo dos anos, discutiu-se sobre o QI ou quociente da inteligência; hoje é dada ênfase ao QE ou quociente emocional. Está evidente que a partir da emoção se obtém resultados de grande valia. E, assim sendo, o homem deve ser visto como um ser integral que responde de acordo com o que recebe. Olhar por vários ângulos os múltiplos aspectos da inteligência emocional enriquece o indivíduo, for-

talecendo seu potencial de modo satisfatório. Uma pessoa basicamente saudável é aquela que usa sua emoção de modo consciente e otimizado. Tenho me corrigido e tentado também chamar a atenção para este fato: Se uma pessoa está estressada, enraivecida ou indignada e fala com a outra com essa carga emocional negativa, não obterá sucesso algum. Ela só se fará notar expressando com clareza e sem alteração.

Digo à minha filha de temperamento impulsivo (sanguínea):

— Você está gritando, por quê? Calma! Respira e fala, eu a escuto.

Em seguida, ela passa a expor melhor sua idéia e se faz entender. É uma questão de aprendizado que comigo se aperfeiçoa pelo uso da atenção. A atenção, por sua vez, torna-se hábito quando estou presente no aqui, no que estou fazendo, ouvindo, falando, pensando e sentindo. É muito bom estar comigo, amorosamente. Se uso minha inteligência emocional de forma adequada, minha expressão se ajusta e é dessa que depende meu sucesso ou derrota. Repito que tem expressão quem possui expressão. É uma atitude interna de bom senso e zelo. É estar presente no presente, é se assumir a cada

instante. Minha mente precisa ser poupada de elementos que causem desconforto e preocupação. E, também, por nenhum motivo devo sobrecarregar a mente alheia com meus problemas e conflitos.

Mas, o que é preocupação?

É a ocupação antes do tempo. É a imaginação alterada. Essa imaginação tanto sobre o que se espera de bom ou ruim causa ansiedade quando é desmedida. Desejar algo, traçar planos com esperança de realização, sonhar e realizar projetos buscando recursos com responsabilidade, traz-nos tranquilidade e mantém nossa energia em alta. Equilíbrio sempre e sentimentos apaziguados.

Assim devemos caminhar, fazendo com que o prazer permeie os nossos atos, através do respeito mútuo em cada situação.

Parece utópico? Sim. Mas essa realidade deve começar a se firmar agora, a partir de mim e de você. Ousar experimentar, buscar meios de encontrar o que se deseja, no sentido de crescer e progredir como parte de um todo, isto é, levar em conta as nossas necessidades sem perder de vista as dos outros, principalmente daqueles que estão ao nosso lado é imprescindível.

Conversar, dialogar, fazer-se entender mutuamente com espírito aberto, sem atitude de ataque, justificativa ou defesa. Não desenvolvendo esses valores, minam-se até secar os relacionamentos. No meu caso, por falta desse entendimento, por várias vezes tentei dar continuidade aos meus estudos e não obtive sucesso. Envolvendo-me nas crises de ciúmes do meu esposo, perdia minhas forças e direção.

Na última tentativa, após vinte e dois anos, cheguei a ingressar-me na Universidade Católica de Goiás. Apesar das dificuldades emocionais e financeiras, quando colocava meus pés naquelas escadas, abria-se um leque de confiança e alegria em minha alma. Sentia-me identificada com tudo. No entanto, o meu despreparo interior acrescido da pressão, chantagem e o descaso das pessoas de minha casa, sem alternativa, cancelei meu Curso. Não lamento, porque recuperei minha filha e pela primeira vez pude vê-la realmente feliz, recebendo o Diploma da 8ª série. Naquele contexto, isso era significativo para ela. Foi um dos preços que paguei.

Naquela noite ela estava linda! Vestida como nos anos 60, com sua pele morena, vestido branco, com arranjos florais nos ca-

belos, sua imagem leve e suave era de se dar gosto ver. Achou bonito o meu vestido e o seu pai, elegante, acompanhou-a para receber o Diploma. Dançava sorrindo com seu amigo, o médico Dr. Paulo Antônio Gonçalves. O salão bem ornamentado, a valsa, cada detalhe era um incentivo à busca dos seus sonhos e realizações futuras. Valeu a pena. Passados dois anos ela estuda Computação, planeja um trabalho e está se encontrando.

Agora, tenho buscado conhecer meus sentimentos e reconhecer meus talentos. Dou-me um pouco mais de atenção. Estudo violão, canto, leio, escrevo e faço aeróbica.

Uma nova fase se aproxima, é a de estar sem nenhum dos filhos em casa. Sinto que terei tempo suficiente para buscar maiores realizações pessoais. Quero me fazer apta a conquistar sonhos e projetos engavetados há anos. Como mãe, apesar de tantas limitações, fiz o que pude fazer. Agora, acompanharei a cada um apenas com o espírito de gratidão a Deus e de esperança, de que eles sejam fortes e prudentes em suas escolhas de cada dia.

O ninho está vazio, mas a capacidade de buscar conteúdos de vida está em alta. Nada de

manias de solidão, cobranças ou baixa-estima. Não! A vida é plena de recursos para causar nosso bem-estar em qualquer idade ou circunstância. Assim como fui criança, jovem e adulta, quero ser também uma senhora anciã cheia de encantos e poesia — Digo que poesia é um jeito de ser, expressar e viver. Onde há vida, há poesia. Basta que se tenha olhos para ver...

O passado e seus feitos deixaram marcas profundas, não há tempos tão belos como aqueles vividos na nossa juventude. Porém, a cada manhã nossa alma pode se refazer e abraçar as belezas do momento.

A vida continua cheia de surpresas e é isso que faz de cada criatura uma nova promessa, uma nova proposta de realização. No início da minha separação conjugal, não gostava de pensar que justamente quando me aproximava dos quarenta anos, uma época que pode ser bonita e rica para os dois, eu estava sozinha. Era difícil para mim.

Como disse Salomão: "O ciúme é duro como o túmulo e o amor é forte como a morte⁵⁷". Constatei isso na minha carne. O ciúme, quando não aceito e conscientizado, causa danos quase irreparáveis, mas o amor, por sua vez, pode curar a mais profunda ferida da alma. Foi o veneno letal do ciúme que nos separou,

porque o antídoto do amor não estava presente para nos unir e preservar.

Como toda ilusão acaba em decepção, se ele, o Mário, optar por viver mais um tempo sob a influência do orgulho ferido, quando abrir os olhos, verá que o meu amor esteve presente enquanto ele ibernava no seu longo inverno egocêntrico. O amor não necessita de recompensa para sobreviver. É claro que ele solicita resposta, mas não deixa de existir por causa do silêncio. "O amor tudo suporta, tudo espera, tudo crê⁶".

O tempo se encarrega de mudar as coisas, até o amor torna-se diferente... Quisera reparar na vida dos meus filhos as dores causadas pela separação. São eles as maiores vítimas nos casamentos desfeitos. Vêm e ouvem tudo o que não convém, e o pior, sentem-se culpados e impotentes. Não importa a idade, nunca aceitam, acostumam mas não aceitam realmente. Sempre haverá um "seria bom meus pais juntos e felizes". Os pais de crianças pequenas devem levar em conta o seu amor e total dependência do respeito e carinho dos dois. O casamento pode terminar, mas o respeito não. Tanto o amor como a paixão ou interesses inconscientes, até, levam as pessoas ao casamento.

Poucas, no entanto, investem na sua durabilidade. As pessoas se tornaram descartáveis. Alguns querem o parceiro ideal, esse não existe. O que é possível é o ajustamento, o encaixe das personalidades e da busca do prazer juntos. É uma questão de alvo, de maturidade. E quando se unem por amor legítimo, ainda que física e legalmente estejam separados, o amor continua vivo, embora diferente. Aquele que mais ama mais dedica bondade, paz, alegria e crescimento interior ao outro. Mesmo distante dos olhos, sua vista o segue, protegendo e abrindo-lhe caminhos.

É grande o número de separação conjugal e suas graves conseqüências. A família perde sua importância e os valores mudam para pior. A decadência moral da mulher em todo o mundo se faz visível. Ausência de pudor para com o corpo, exibicionismo, exploração sexual e uma verdadeira enxurrada de pornografia provocam distúrbios psicológicos e mentais em crianças e adolescentes. E mais, as taras e psicopatias nos adultos. As Clínicas e Centros Psiquiátricos que o digam. Visite um e veja.

A mulher cai e leva para a queda o mundo porque, a meu ver, ela é o

termômetro da saúde moral e afetiva da humanidade. O seu útero tem dimensão universal. Parece pretensioso, mas não o é. A mulher é quem educa os homens e se eles têm nos decepcionado, o que é que continuamos a passar para nossos meninos? Desde a concepção é com a mãe que a criança tem maior contato. É sua mestra em todas as situações iniciais. Tanto que, se a mulher for fraca, o lar não sobressai às pressões e conflitos externos. É a sua força que sustenta o ânimo dos filhos e esposo.

Se é o Sol que ilumina a Terra, é a Lua que mantém os sonhos.

Sonhar é viver, é criar e manter a condição para se caminhar sempre.

O homem é racional, é forte.

A mulher é emoção, é suavidade.

A força domina. A ternura convence.

O homem entende. A mulher compreende.

A compreensão é que concilia a mente ao coração. É ela que promove harmonia e justiça.

Penso que se até hoje os homens ainda promovem guerras, é porque o lado feminino neles ainda não foi assumido.

A mulher, como mãe, pode mudar a face do mundo. Maria era admirável!

Jesus foi perfeito no entendimento e aceitação da mulher.

Haverá um HOMEM maior que Ele?

Os dirigentes das Nações já foram crianças, já estiveram em suas mãos. Onde foi que erraram? Não sou pessimista, o mundo está sendo uma balbúrdia total. Não é o medo que impera nas Vilas, nas Cidades e nos Campos? E... as grades?

Faça comigo uma reflexão. Veja o que é gerar uma vida em seu ventre. Pense nos pensamentos seus. Nas suas palavras que o bebê ouve. Nos seus sentimentos que ele sente também. Pense e pense mais... Se você o respeitar poderá passar-lhe paz e alegria. É possível evitar o engano, passando a verdade, vivendo a verdade. Para se criar serenidade, basta que voltemos o olhar para a transcendência de tudo o que nos rodeia. Para onde iremos? Para onde nossa prioridade nos levar.

Mãe, decida pelo encontro com o outro. Crie em seu coração um constante sentimento de gratidão por tudo e a todos. Você gera vida. Gere vida ainda mais. Que seu filho aprenda a desenvolver a paz observando-a. Não culpe o seu marido por atitudes que você pode cultivar independente dele.

Mude o mundo mudando o seu mundo. Reavalie seus princípios, lembre-se do valor de uma mulher preciosa como nos provérbios de Salomão.

Quanto à criança, gosto de como os índios a consideram. Toda a tribo é vista como uma família e a educação da criança é responsabilidade de todos. Aprendem pela observação e o experimento. O respeito é a base da conduta de cada um. Respeito e encanto por tudo o que se pode ver ou tocar. Não há estresse em seus semblantes. Eles vivem os pré-requisitos que nossa sociedade esqueceu. Nossa convivência desleal com eles descaracterizou sua originalidade. O veneno do consumismo já os afeta e desnorteia. É uma pena!

Ao se distanciar da Natureza, o homem moderno se afastou também do seu semelhante. Cada vez mais individualista, mais cresce a sua solidão. O dinheiro não compra serenidade nem amor espontâneo...

Nestes dias, decidida a passar um tempo num vilarejo aqui perto tenho escutado o seguinte:

— Você é louca, deixar sua casa tão boa e viver ali naquele lugar?

— Por que você não abre uma confecção, ganha muito dinheiro e vive só para a

sua família?

É a política do ganha-ganha ainda que muitos percam. Por que não dividir o tempo e o dinheiro? A vida e o talento? Por que não viver em comunhão, se somos irmãos? Eis o que eu pergunto.

Nossos filhos, as pessoas enfim, precisam desses princípios, isto é viver conscientemente.

No dia em que cheguei ao vilarejo, escrevi: "Cheguei aqui há algumas horas. Ontem, quando a Lana retornou a Brasília, entrei num processo de auto-expurgação. Minha mente em redemoinho, esbarrava-se com meus sentimentos em direção oposta e deixei-me levar por uma onda de amargura sem fim. Sentia-me absolutamente impotente diante de tantas solicitações internas e externas.

Prender ou soltar?

Unir ou afastar?

Ficar ou sair?

Caixas de objetos pessoais por toda a casa, quase tudo arrumado para a mudança. Necessidade de sair, desejo de ficar. Lembranças enraizadas. Recordações aqui e ali. Foram quase trinta anos de envolvimento direto com as emoções de cada filho, e olhe

que são três! Sempre vivemos nesta casa...

Atrevo-me a pedir a Deus que dê-me sabedoria e discernimento. Porém, quanto mais se vê com clareza, mais urgente se torna a decisão. Isso às vezes causa um impasse tremendo. Saber que deve e não fazer é desastroso para a consciência de quem procura elevar o seu conceito de dignidade.

Soltar as amarras que ao longo da vida sempre desatentos cultivamos, requer coragem e muita ação. Deixar o que se conhece em busca do novo, causa tanto o entusiasmo quanto o medo, em grande medida. Herdamos a mentalidade de que, ainda que sentindo-se mal, esse território você conhece. Isso não é o correto, pois quando a nossa situação nos incomoda é o indicativo de que algo esteja fora do compasso. Acomodar-se por medo, preguiça ou dúvida faz recalcar, intimidar e denegrir nossa auto-estima e, assim, perde-se o brilho que só possui aquele que ousa arriscar.

São muitas as opiniões contra, são freqüentes as caras feias, são intermináveis o número daqueles que tentam nortear o caminho alheio, esquecidos de que a cada um, bastam os atalhos, desvios e encruzilhadas. Vive bem quem consegue

centrar a visão na solução que a sua história requer. Auxiliar é bom quando somos solicitados. Interferir é cruel. É preciso lembrar que virar a página não significa necessariamente desprezar ou esquecer. É o modo de começar de novo, até para que se dê continuidade, mas de maneira diferente.

É impossível anular nossas vivências do passado, mas é vital que atualizemos nossas experiências hoje. As recordações nos causam sensações novas a cada tempo que passa. Se hoje causam choro, amanhã causarão risos e depois, apenas uma lição de vida. Isso para quem tem o cuidado de contar os seus dias, somando conquistas e aprendizados com beleza e sensibilidade.”

Neste vilarejo, estou rodeada por todas as formas de limitações causadas pela pobreza. Não fico assustada, apenas me torno mais humana, dando-me a oportunidade de ser solidária para com cada pessoa que de mim se aproxima. Observo seus dramas, ouço seus lamentos, cultivo esperanças, fazendo-as ver que é possível mudar, quando se busca mudanças, ainda que pequenas. Aqui, são várias as pessoas que enlouquecem, penso que a causa principal é a falta de afeto aliado à falta de um trabalho. O vazio nas mentes e nos cora-

ções é muito grande. Mulheres novas com o corpo envelhecido ao triplo da idade. Crianças magras. Velhos desdentados. Um quadro revelador da grande disparidade causada pelo capitalismo sórdido. Poucos com muito e muitos sem nada, nisso me vem à memória as falas dos Presidentes, suas falas ao vento. Pregação sem compromisso. Faz-de-conta. Exuberante maldade. Descaso completo.

Se pudessem, por um clarão de consciência, passarem uma semana vivendo numa casinha como esta aqui onde estou, despidos de toda vaidade que lhes são peculiar, haveriam de deparar-se com suas próprias misérias. E, assim, quem sabe dariam passos firmes no sentido de buscarem soluções reais e palpáveis para tal situação de abandono e injustiça social.

Não tenho meus filhos para cuidar, todos já se foram e livremente escolhi estar aqui. Posso não causar mudanças notáveis, mas farei o que conseguir, não por eles apenas, mas por mim mesma. O terreno é carente em todos os aspectos, porém, se trabalhando pode-se colher frutos, sessenta por um, trinta por um ou dez por um, vou tentar, vou arriscar.

Não rejeito os que têm mesa farta, vejo-os como pessoas que como eu, às vezes se

esquecem de que são pobres, cegas e nuas. Carentes da visão do que realmente tem importância nesta vida. Em algumas existe boa vontade, mas não é o suficiente, é preciso estar com, é preciso sentir na pele.

Está chovendo copiosamente, os sabiás não sei se cantam ou lamentam, o dia todo estão perto. As pessoas adoecem com maior frequência nesta época. Os hospitais com quase nada de recursos disponíveis. Roubos e arrombos no Sistema de Saúde em vários Estados... Uma calamidade moral devastadora. Sinto-me indignada e quase sem esperanças. É que se multiplica a iniquidade, cauterizando as mentes ávidas de prazeres transitórios. Dos menores aos maiores escalões, o vai-e-vem da irresponsabilidade é acariciado sem o menor pudor. Pobre sociedade moderna, tão hedionda!

Em minha casa, menosprezam minha inteligência, porque não me adapto à idéia de acumular bens materiais. A roda viva do caçaníquel não me envolve. Gostaria de tê-los comigo, não para abusar do dinheiro que ganham, mas para aplicá-lo gerando vida, causando bem-estar e comunhão. Gostaria que a todos fosse concedido o direito de trabalhar, estudar e progredir, de modo que cada pessoa pudesse dar o

melhor de si em benefício de todos. Que a lei do Amor norteasse o nosso orçamento, repassando para o social o excesso de produção e do dinheiro ganho. Seria uma comunhão real, com leis naturais de fraternidade aprendidas desde o berço. Não haveria lugar para a ambição, nem para a violência e, assim, seríamos realmente humanos. Creio que a disparidade econômica existente em todo o mundo seja a responsável direta pela violência que hoje abala a sociedade. Pena de morte não resolve. Carandiru⁷ também não. É preciso corações interligados, é preciso partilhar intelecto e dinheiro, é necessário somar e dividir sempre.

O homem não teria o porquê de ser governado por outro homem se fizesse capaz de governar a si mesmo. Onde há constante vigília no proceder correto, o bem passa a ser algo espontâneo. O mundo é uma tenda onde só se consegue viver humanamente tendo em vista o direito também do outro. É justo que se repasse para o coletivo o que sobra de uma vida simples e digna, ainda que o destino tenha dado fontes abastadas de inteligência e de crescimento integral a uma pessoa. Aquele que recebe mais deve dar mais. Aquele que tem visão não tem motivo para possuir mais e sim, para produ-

zir mais e repartir.

Quando nossos filhos eram pequenos, incomodava-me o fato de que, bem perto de nossa casa, houvesse crianças que, sem culpa alguma, vivessem uma vida abaixo da vida de certos animais de estima. Vi meninos morrendo por desnutrição no hospital; não havia sangue para salvá-los. Sinto vergonha ao perceber que negamos o Cristo, na pessoa do pobre. Às vezes decoramos Suas palavras, mas não as vivemos. O que é verdadeiro é espontâneo e por isso não há cobrança e sim, auxílio nas deficiências. Auxiliar é a palavra.

É barbárie uma criança possuir tanto e outras nada, se todas são sementes que, se lançadas em terreno fértil, trarão retorno na mesma proporção e qualidade. Na minha experiência, vejo que a fome que mais humilha, do velho à criança, é a fome de ternura, de um olhar compreensivo. Muitas vezes nossas lágrimas se misturam e delas nascem um sorriso tímido, como que a dizer: eu existo!

Hoje, ao ver o choro da Cléria, uma mulher educada, inteligente e humilde, que dominada pelo álcool vive o seu calvário particular, pude experimentar o processo da cura pelo amor fraterno. Quando toquei seus

cabelos e seu ombro com minha mão firme, vi de imediato a resposta. Houve empatia. Ela compreendeu-me sem estranheza. Quis naquele momento poder entrar em seu destino e desenvolver o seu potencial humano e divino. Ela é uma dessas pessoas especiais que, por ironia, não encontrou o seu porto seguro. Perdeu-se na dor do abandono social. Como filha, mãe e mulher, perdeu o tempo e com ele a vida. Seu corpo magro e sofrido conduz uma chama que ainda denota dignidade e força.

Enquanto conversávamos naquele quarto emprestado pela amiga de infortúnio, os ratos em pleno dia, aos nossos pés, roíam umas velhas espigas de milho, como se fossem donos da casa. Janelas podres, camas sem colchões, sujeiras, fogão sem gás, ausência de banheiro, pobreza total. A dona do casebre estava lavando roupas num sítio onde recebe míseros centavos. Naquele ambiente frio e silencioso, pude ouvir o eco de vozes que gritam por justiça. Meu corpo e minha alma pediam por socorro para aquelas criaturas. Meu Deus!... E pensar que existem mulheres que se amarguram num labirinto de supérfluos, disputando entre si jóias e carros...

A Cléria fez-me lembrar o Sóstenes, uma outra vítima do alcoolismo. Minha filha Lana, ao atender à porta, naquela manhã de novembro de 1997, o recebeu. Um homem alto, simpático, gestos polidos, quase cinquenta anos. Estava embriagado e pediu alguma coisa, mas o seu desejo era ser ouvido. Lana, à primeira vista, impressionou-se e, bondosamente, deu-lhe atenção. Um tempo depois veio ao meu encontro.

—Mãe, fica com ele até que eu ligue para sua esposa, sinto que me diz a verdade. Sóstenes tremia e chorava lamentando saudades do lar. Havia sido funcionário de um jornal em São Paulo e em outras capitais. Sua postura confirmava seu nível de conhecimento. A bebida minou cada milímetro de sua carreira e, por fim, o casamento. Teve uma esposa realmente exemplar, falei com ela naquela manhã. Era de se cortar o coração. Não haveria mais retorno. Perguntei-lhe se gostaria de conhecer o A.A.A⁸. Respondeu-me que sim. Era uma quarta-feira e só na sexta-feira à noite, haveria reunião. Oferecemos-lhe hospedagem. Ele, assustado com a própria aparência, resistiu um pouco, mas aceitou. Jogou fora as roupas velhas. Após o banho e o barbear parecia outro homem. Aos poucos foi melhorando e

até dormiu. Parecia não acreditar que da sarjeta, estivesse naquele quarto rodeado de conforto e amizade. O nível de álcool no seu organismo era o máximo, mas não bebeu enquanto esteve conosco. Seu modo de agir denotava boa vontade. Após a palestra, deixei-o num quarto de hotel, onde deveria morar até que sua vida tomasse rumo. Continuaríamos ajudando em tudo. Não suportou ficar só e voltou à rua naquela mesma noite. Procurou-me no dia seguinte e contou-me o que estava sentindo. Disse que não podia ficar sozinho e que iria viajar. Se conseguisse ir ao A.A.A. e se curar, voltaria a nos visitar porque jamais nos esqueceria. Pediu fotos nossas. Agradecido se despediu e em lágrimas foi embora. Era impossível tê-lo em casa, tudo seria contra. Que pena! Sua imagem sempre volta às nossas lembranças.

Lana me disse:

—Mãe, sofro por ele ainda e não sei até quando.

Esse é o retrato do Brasil.

O índice de alcoolismo, prostituição infantil, álcool e drogas pesadas é assustador. Vidas e mais vidas são literalmente destruídas, e ao ligar a TV nos deparamos com ricas e belas propagandas oferecendo

cigarros e bebidas. É ou não uma disparidade? Causam vergonha esses irracionais. Contrabando de armas, seqüestros, tráfico e uso de drogas à revelia. Há um profundo interesse capitalista permeando o giro das armas e das drogas. Tem-se em mãos o resultado de pesquisas que mostram com exatidão onde está a raiz de tudo isso e o que é necessário que se faça. Mas não “convém” até para os políticos.

Nas 130 mil mortes por violência ao ano, aqui no Brasil, 90 mil dá-se pelo álcool e o suicídio. A arma de fogo é doze vezes mais eficiente do que o conjunto das outras armas. Não podemos ser a favor do armamento. A pobreza também não é a causa básica para a violência atual. Filhos de ricos senadores e deputados cometem atrocidades como vimos em Brasília, recentemente. O índio queimado enquanto dormia. Esse fato precisava tirar o sono desses pais que elaboram leis para a sociedade. Onde estão os verdadeiros valores humanos? Onde fica Deus? Por que a segurança social não é prioridade? Quando se fala um pouquinho nela, fica só no discurso... Segurança não gera lucro para “alguns”. Sistema e Estrutura de Justiça falhos e injustos.

Em 1990, nossa sociedade criou o melhor Estatuto da Criança e do Adolescente do mundo, porém não é cumprido — Sistema governamental incapaz. O medo atinge todos em todas as camadas sociais. É angustiante ter que se conceber a idéia de que dentro de casa, na escola e na rua não tenhamos o mínimo de segurança. A crueldade nas mentes distorcidas obriga a população a uma vida recuada e presa por grades e ferrolhos. Além dos seqüestros, roubos e assaltos nas ruas e residências, ainda existe o medo do fantasma do desemprego, do abandono, da doença, dos conflitos políticos e sociais.

Entidades de classes com interesses mesclados de segundas intenções — pode-se dizer, cruéis intenções — quando não dizem vidas, deixam homens, mulheres e crianças mutiladas nos confrontos intrigantes. São os chamados sem-terra, sem-tetos e os sem-condição de perceberem que estão sendo usados e que o caminho é outro. Fanáticos também sondam nossos ambientes com grande habilidade de persuasão, criando um constante desconforto e inquietação. Em todo o mundo, religiões milenares que pregam a serenidade se perdem em crises das mais exacerbadas agressividades. As armas nucleares que num piscar de olhos podem

destruir nosso planeta, sempre nos incomodam. Na verdade, o homem criou uma usina de medo dentro e em torno de si.

Medo de ouvir a palavra não.

Medo de expor os sentimentos, de se envolver.

Medo até de ser feliz, porque não arriscar é se perder numa seqüência de nada.

Mudando de água para vinho, nesse instante uma gatinha amarela que não conheço chegou de mansinho, deitou-se aqui do meu lado; após lambe-se bastante, esticou todo o corpinho e, de forma tranqüila, pôs-se a dormir. É uma imagem bela em toda a sua simplicidade. A vida, apesar de toda essa balbúrdia comportamental, insiste em se renovar e perpetuar. Jovens se casam, crianças nascem, flores desabrocham, frutos amadurecem, animais procriam, pássaros voam e cantam, as águas correm para o mar. Aqui da minha janela posso contemplar um lindo pôr-do-sol; apesar da crescente destruição do planeta ainda existem belezas indescritíveis. Em pensamento viajo por outras galáxias e sonho com um mundo novo, afinal, sonhar é preciso.

“Porém, os que esperam no Senhor, adquirirão sempre novas forças, tomarão asas

como águias, correrão e não se fadigarão, andarão e não desfalecerão". Querem convencer-me ao comportamento de galinha, porque vivo entre elas, sinto-me águia e não dá para ser diferente. Ouso voar e ver além das alturas. Ter olhos de águia num mundo onde o que domina são os olhos do riscacisca, isto é, daqueles que buscam somente a satisfação pessoal, numa visão estreita e egoísta como de uma galinha é, sem dúvida, uma dádiva e um peso enorme também. É uma caminhada solitária.

Mas, o que sou eu, afinal?

Uma simples dona de casa, que não deixa de ser uma cidadã do Universo. Com as asas da imaginação, posso interferir, criticar, voar alto, o mais alto que puder. Lá das alturas, em minha solidão, ousa descobrir possibilidades onde ainda, quem está embaixo, na rasante, não as vê. Se não posso mudar o mundo porque sou um nada no sistema vigente, sinto a gloriosa e imperativa liberdade de mudar o meu mundo. Posso descobrir novos paradigmas e posso falar sabendo que o poder mágico de minhas palavras causam, sem dúvidas, impacto nos corações que, como o meu, estão à procura de um rumo seguro, que é o encontro consigo mes-

mos. Se meu grito de alerta é sufocado, se não posso denunciar porque raramente serei atendida, posso sim conversar e convencer. Posso animar, ser esclarecida e esclarecer. Dou de graça o que de graça recebo. Minha voz não precisa ecoar nas praças, se pode ecoar nas mentes daqueles que estão à caminho ao meu lado. É só dar as mãos que encontro mãos estendidas a mim. A reciprocidade existe em todos os sentidos.

Sonho com um mundo novo e sei que ele virá. Basta-me apenas acreditar e dividir os meus sonhos. Se o processo é lento, nem por isso devo desanimar. A vida é infinita e na sua beleza há um quê de persistência. Chegará o dia em que meus descendentes usufruirão o que hoje apenas vislumbro e que experimento com os olhos da alma, através dos meus sonhos.

Agora, no limiar do ano 2000, fala-se da possibilidade da nanotecnologia modificar o destino dos homens. Haverá um salto de descobertas científicas impressionantes, o que poderá facilitar a subjugação à liberdade humana. No entanto, o que desejo ver realizado é a satisfação do homem na sua essência. É vê-lo voltado para o seu centro de humanidade, é ter a certeza de que, o que

vigiará as casas, não serão os alarmes inteligentes e sim, o senso do bem comum em cada mente. É saber que nos quintais não haverão cercas elétricas, porque todos terão a liberdade de possuir o que conquistou. É saber que as doenças não mais serão motivo de pesquisas e disputas desumanas, através das fórmulas de remédios que curam o corpo ou tiram a vida, conforme o jogo daqueles que detêm o poder. Nenhuma doença existirá, porque sua raiz será extirpada, através da consciência do que significa saúde integral. O homem viverá sua harmonia pessoal em tamanha sintonia com o Universo, que nada ao seu redor lhe será hostil. Haverá tanta beleza e sensibilidade em seus sentimentos, que a vida se fará uma seqüência de gestos e de atitudes só atribuídas aos anjos em nossos dias atuais. Ele poderá adorar ao Creador, através do sentimento de gratidão expresso nos conteúdos de suas ações. Trabalhará pelo prazer de servir e se servirá da alegria de seus bons frutos. Seu olhar estará sempre voltado para a grandeza que anima cada criatura. Seu poder de transformar, de criar e usar o seu potencial estará intimamente ligado à construção do bem-estar de todos, numa constante e crescente partilha

com a Natureza. Esta mesma Natureza que hoje sofre e manifesta, de modo catastrófico, sua reação naturalmente justa pelo des-caso cultivado por tantos anos, de todos os modos, pela chamada "evolução do progresso".

Foram anos e anos de ingresso numa involução irracional, sim. Nada mais sábio do que os acontecimentos manifestos pela natureza e mostrados ao mundo através da mídia, para dizer ao homem que ele precisa acordar. Precisa entrar em contato com os efeitos de seus atos, reavaliar o sentido do prazer, do conforto, da felicidade.

Diz-se que a Nanotecnologia é o menor a favor do maior. Digo, eu, uma minúscula partícula deste Universo pensante, que quero ver realizada neste planeta uma consciência universal a favor do individual. Que ninguém seja esquecido. Que todos, a macro família adote a micro família em seu seio, como parte vital em si mesma. Que o maior acolha o menor, de tal modo que a todos seja concedido o dom da paz absoluta. Paz não é apenas ausência de violência e sim, presença de boa vontade, equilíbrio e liberdade real, dotes divinos, oferecidos aos humanos, porém ignorados por quase todos,

ao longo dos séculos.

Se em alguns existe o latente desejo de atualizar tais dotes, a cultura universal e milenar que conhecemos não tem contribuído porque seus valores, impregnados em nossas mentes, apenas deturpam e dificultam nossa verdadeira formação. Como sementes lançadas em pedregulhos, tem sido as inovações, que pessoas sonhadoras com um mundo melhor, insistem em continuar buscando e utilizando à custa de muito sacrifício e de pouca participação social.

Embora haja avanços em determinados aspectos, os projetos de valorização da vida ainda são tímidos. É verdade que a liberdade nos vem, quando nos libertamos. Queremos que, se educação é mudança de comportamento, que as Nações se eduquem quanto às conseqüências dramáticas que as guerras têm provocado. O mundo todo recebe tais reflexos, direta ou indiretamente.

Chega do aprisionamento do homem pelo próprio homem. É impossível educar o coletivo sem educar os educadores. O exemplo deve vir de onde procedem as normas e diretrizes sociais. Nos cenários políticos, a obscuridade moral deve ceder lugar à transparência absoluta, assumindo, não com

discursos emotivos, mas com gestos concretos a criação de uma nova educação, de um comportamento mudado, realmente.

Começando pela pergunta: Onde ficam os excluídos no processo da globalização?

Que se busquem respostas condizentes.

Aqui no Brasil, o modelo econômico-social em vigência por mais de 500 anos chega a um desfecho avassalador: estamos vivendo o ápice da violência e da pobreza; 30 milhões de miseráveis, mesmo. Nossas mulheres, muitas com cabeça de homem, pensam que tudo se resolve a partir da substituição do homem pela mulher, na direção política. Querem conquistar poder público para exigir direitos. Meu Deus! Não foram as mulheres que educaram os homens desde o princípio? E hoje, por quem e como os meninos são educados? A reflexão deve se dar em cima do ser humano e não, em cima do sexo masculino ou feminino. É preciso um retorno às origens, à base de tudo. Imprimir o senso da responsabilidade no caráter da criatura humana, isso sim, é urgente. Que o novo modelo seja essencialmente humanizado e não apenas feminilizado.

Mulheres do século XXI, se vivemos na penumbra do silêncio gerado pela indiferença masculina, foi porque no princípio da nossa história, não fizemos jus à nossa força. Basta refletir um pouco sobre a nossa conduta ainda hoje. A maioria das mulheres não demonstram interesse real sobre os assuntos políticos, não se dão conta da importância que têm em vários aspectos. Lembro-me do quanto Maria, mãe de Jesus, fez diferença na sua época. Uma mulher simples, humilde e de uma grandeza moral capaz de encarar de frente as mais cruciais circunstâncias, sem perder a docilidade de sua alma feminina. Acredito também que a disputa de papéis, os falsos valores, são determinantes que precisam mudar. Salvar, buscar a unidade familiar que se estende ao social nos moldes de Maria, faz-se urgente. Não me refiro à religião, não posso concordar com ela; refiro-me ao amor, à sua expressão máxima.

Vejo que a família e a escola fundamental gritam por socorro. Precisa-se buscar um novo começo. As Escolas cujos modelos sempre intimidaram, causando insegurança e timidez moral, devem buscar o modelo da alegria. Basta-se dizer que uma criança obedece quando está feliz. Passar o conhecimen-

to aliado à alegria de poder experimentar, de poder expressar os sentimentos e vivências pessoais dará ao aluno vigor e auto-estima imprescindíveis ao bom desenvolvimento do seu caráter.

A escola não faz o homem, mas lapida-o. Reforça e ressalta-lhe os contornos psicológicos e morais.

O educando cresce muito mais a partir da tomada de consciência de sua realidade mais profunda. Descobrir e formar conceitos de dentro para fora e não de fora para dentro, através de inculcar-lhes informações como donos da verdade, isso não educa. Apenas informa. Informar lembra deformar ou dar uma outra forma. Educar lembra evocar, isto é, trazer à tona. Tornar o ser melhor e mais forte.

Lembro-me de quando criança, na escola primária e depois no colegial, os dias de provas eram um tormento. Ter que alcançar notas altas e mesmo fazer as provas sob o olhar de reprovação constante dos professores, porque havia aqueles alunos que tentavam, a todo custo, fazer colas, era no mínimo apavorante. Lembro de minhas mãos geladas o tempo todo e eu era uma boa aluna, porque gostava de estudar, embora o ensino não fosse nada humanizado. As férias e

os finais de semana, sim, causavam alívio a todos. Ainda hoje, as crianças se sentem entediadas e até infelizes em relação aos estudos. Gostaria que meus netos se sentissem realmente atraídos pela escola, pelo ato de estudar. Que a leitura, por exemplo, fosse algo do cotidiano de toda a família, enfim. Não é isso o que percebo, de modo geral. Não há entre nós uma cultura nesse nível. O momento das crianças fazerem tarefas é sempre na base do dever, da obrigação, apenas. Ninguém tem tempo. O essencial não tem prioridade ainda.

Esses poderiam ser momentos para diálogo, para uma inteiração lar-escola. Uma troca de experiências, de avaliação mútua. Um momento de carinho entre os pais e os filhos, porque deve ser uma tarefa revezada pelos pais, em questão. O aprendizado pode ser permeado pela alegria de aprender e não pela imposição social de se adquirir instrução. Na sala de aula o ambiente emocional poderia ser totalmente diferente. O mundo das crianças é muito rico, sem contar que os adolescentes têm o novo nas mãos, porém justamente por causa da didática anteriormente nada atrativa, muito se perde. Perde o aluno pela falta de interesse real e

perde a sociedade que acaba por receber, mais tarde, profissionais sem qualidade, sem entusiasmo naquilo que fazem. O querer saber gera responsabilidade com disponibilidade. O querer saber torna a criatura leve e envolvida. Essa busca, esse estudar, prossegue vida a fora. Nunca cessa e jamais tem senso de peso, de sacrifício.

É uma pena que a sociedade e o governo não atentem para esse fato. A instrução precisa de novos parâmetros, precisa de mais recursos.

Com a chegada da internet, nessa onda tecnológica de avanços surpreendentes, temo ainda mais a substituição do calor humano pela fria relação homem-tecnologia. Temo pelo nosso futuro nesse aspecto.

Essas são divagações minhas. Nunca estudei filosofia ou história política, o que escrevo é fruto do que vejo acontecer no nosso cotidiano. Talvez nem me faça entendida muito bem. A intuição, o amor, um amor quase louco pela pessoa do meu semelhante é o que leva-me a esse desejo incontido de escrever. Penso que essa é a minha forma de trocar energia vital com você, por exemplo, que agora me faz companhia. Há anos comecei a escrever este li-

vro e assim como faço zigue-zague nos assuntos que coloco no papel, dou também meias-voltas nas minhas atividades diárias. Escrever é a minha vida. Quando paro de fazê-lo, sinto-me triste e vazia. Meu pai e depois meu esposo travaram meu caminho afastando-me das letras. Não os culpo por nada. Eu é que me deixei levar pela imposição deles. Faltou-me senso político para lidar com eles. Não soube buscar as respostas certas para as lacunas que se abriam no nosso relacionamento. Um homem só subjuga o outro quando falta informação e reflexão de ambas as partes.

Fixei o olhar nos detalhes ao invés de perseguir o alvo desejado. Estou feliz porque retornei ao lar, ao meu lar interno. A verdade dos outros já não mais perturba meus passos.

O que é a verdade?

É a qualidade pela qual as coisas aparecem tais como são: realidade, exatidão.

Quando vi aquele sorriso estampado no rosto da Eliane e ela a dizer-me:

— Clara, ontem quando você disse que sou uma escolhida de Deus, isso entrou em mim e não mais saiu. Nunca havia me sentido assim. Senti alívio, confiança e força para

viver.

Desde o berço, essa jovem aprendeu didaticamente muito sobre Deus, pouco se sentiu em Deus. Cheia de informação e vazia de amor. Houve um insight, um estalo do Espírito Santo em seu ser mais profundo: comigo ela percebeu Deus. Debaixo de tantos não, quase deixou de dizer sim à vida. Cheia de graça e bondade, viu-se por imposição, à beira do abismo, onde reina a mentira e o cinismo. Donos da verdade, da verdade dos outros.

O que é isso?

Abraçar o outro enquanto outro, sem querer se fazer dono de sua vida, isto é, amar e amar-se.

Como compreender alguém, se nego o direito de compreender a mim mesma? Seria impossível. Compreender é muito mais que entender. É se colocar no lugar de. É tirar as máscaras e se fazer verdadeira. Cada pessoa é um complexo de informações, situações e impressões que, ao longo de sua vida, envolve-a de tal modo que se torna difícil distinguir o que resta dela própria como indivíduo.

Tratados desde o feto mais como uma coisa do que como um ser sagrado em si mesmo, cada um de nós vive uma dificuldade

imensa em aceitar nossas fraquezas e em valorizar nossas grandezas. Foge ao nosso controle a felicidade de ser o que somos. Bendita hora em que se rompe, ainda que com muito dor, essa feliz verdade. Eu sou o que sou, posso sentir o que sinto e passar a ser o que desejo ser: a "Imagem e Semelhança de Deus". Um ser que não nega a bondade, a alegria e a harmonia de se estar em paz e de viver em paz. Os obstáculos existem para que eu possa testar ou desenvolver minha capacidade de falar, de fazer silêncio, de recuar, de avançar, de perdoar e de se dar o perdão. De deixar viver, de se entregar. De soltar outro para a vida porque o amo. Permitir que ele sinta o que sente e que, assim, seja acolhido para ser melhorado.

Fazer ao outro o que gostaria que ele me fizesse, como estou longe disso! Em contatadas, tenho conseguido um pouquinho dessa bem-aventurança. É agradável a sensação do encontro, do colocar amor nas mãos abertas, num gesto de humildade e aceitação. Ainda que seja um simples olhar ou um sorriso de cumplicidade. Um pedaço de pão ou uma palavra de conforto. É maravilhoso que o outro exista. Nele e através dele temos a oportunidade de nos revelar, isto é, de velar sobre nós mes-

mos, tornando-nos, a cada dia, melhores e mais presentes às nossas reações e sentimentos. Nele posso ver o que faço e o que devo deixar de fazer; o que não faço e quero aprender a fazer. Ele é meu espelho e sei que sou espelho também. Há um mar de possibilidades à espera do nosso querer. Uma eterna busca de valores essenciais. Um verdadeiro milagre e uma abençoada obra é o que somos.

O meu desejo está sob a minha vontade e eu o domino¹⁰. Bom é saber que posuo domínio sobre os meus impulsos. Como Deus é forte explicitamente, eu sou forte implicitamente. Posso realizar-me como tal. Se estou presente em mim mesma, minha intuição flui livremente.

Neste momento, meus ouvidos dão-me o prazer de poder ouvir o doce cair dos pingos da chuva. Embora estando só, sinto-me como que embalada num berço de ternura e amor. Nessas águas celestiais, vejo lavados os meus conflitos e ansiedades. E, assim, mais alva que a neve, posso entregar-me à grandiosidade de saber e sentir que estou aqui, plena de mim mesma e com certeza de que a vida quer me dar o melhor, sempre. É isso que faz a diferença.

Deus está para aquele que está para Deus. Existe um recado de amor em cada

situação, em cada objeto. Agora, por exemplo, vejo enquanto escrevo, lindas flores bordadas em ponto cruz, debaixo e ao redor deste caderno, no forro de mesa. Um trabalho delicado de alguém que se expressou na beleza desse ofício tão feminino.

Em minhas mãos, uma caneta deixa registrados meus pensamentos em palavras, para você ler. No caderno branco onde escrevo, dou evasão ao que mais gosto de fazer. Meus pés sentem o macio contato com o tapete e, na cadeira, encontro conforto enquanto dedico tempo à escrita.

Todos esses objetos são resultados da criatividade e do esforço de muitas pessoas. Nunca me sinto sozinha, porque onde quer que eu vá, as dádivas dos seres criados por Deus estão a meu favor.

De certa forma, as pessoas estão presentes aqui através do fruto do seu trabalho e as agradeço muito. Por falar em presença, relembro agora o que disse à minha filha Luara, naquela manhã em que eu planejava uma mudança:

— Minha filha, vamos pensar juntas. Quando vocês eram pequenos ou quando ainda viviam em nossa casa, minhas decisões esbarravam-se no ponto de vista também de

vocês. Hoje, você já é mãe e como tal, vive situações parecidas com as que já vivi. Quanto a mim, agora sou uma mulher que toma conta de si, sozinha, não há filhos nem esposo em casa. Penso que é justo que possa escolher meu modo de vida, minha casa, meus amigos. E para que isso se realize de forma tranqüila, faz-se necessário que cada um de vocês, que são as pessoas mais ligadas ao meu passado, parem para pensar que existo como pessoa. Ora, uma pessoa tem pensamentos e sentimentos próprios. Cada ser humano é um universo à parte. Suas buscas, seus sonhos, suas necessidades são particulares e peculiares.

Até que ponto temos usado nossa arbitrariedade para interferir, sufocar ou cobrar que o outro viva do modo que nos agrade?

Pausa para reflexão...

É justo não querer sofrer imposição e se impor nas resoluções alheias? O que é mais importante, manter na história da família uma casa velha ou recordar as boas horas vividas nela quando nova? Uma casa velha pode trazer muito mais recordações do que foi somado de ruim, do que o que foi vivido de bom.

Tudo passa, até as raízes mais resistentes apodrecem. É vital que se conceba o novo. As mudanças são inevitáveis porque fazem parte do nosso vigor existencial. Quem se prende ao passado com intensidade, não tem energia para sentir o presente e responder às suas solicitações de modo harmonioso. Sinto-me viva hoje, nesse exato momento, mas nada me assegura que continuarei assim por mais meia hora que seja. Por isso, minha liberdade de escolha do que me pareça melhor, faz-se sagrado.

A liberdade gera responsabilidade que, assumida, gera felicidade. O que é a felicidade senão a capacidade de perceber e receber tudo aquilo que nos faça alegres e em paz? Se a alegria é um dom de Deus e se todos os mundos criados refletem esse dom, ela deve ser cultivada por cada um de nós, sem medida.

Sinto-me feliz também quando presencio uma cena de alegria em outras pessoas. É muito bom estar de bem com a vida. Minha intuição me leva a sentir a grandeza que nos anima, através de pequenos gestos ou coisas. Em suma, nada e ninguém pode ser motivo de felicidade para mim, se não mantenho viva a chama que brota de mim mesma, do meu esta-

do de espírito. Quando em lágrimas, sei que o sorriso virá e por que não mesmo em lágrimas?

Um repórter, sendo entrevistado sobre sua profissão, disse que se sente uma testemunha da vida. Gostei de sua colocação. De certa forma, vejo-me como testemunha dos sentimentos que nos envolvem a todos. Ele registra fatos da vida, eu registro as expressões dos rostos. Fotografo a alma. Nunca sei a cor ou o modelo da roupa que uma pessoa veste, sempre sei como está a sua expressão facial; o rosto reflete sempre os sentimentos conscientes ou inconscientes.

Desde criança, anotava em versos ou crônicas estes dados. A sacralidade do Homem nas entrelinhas de sua profanidade. A grandeza de sua alma, na pequenez de sua consciência sempre tão dormente. Seus atos impensados, inublado atitudes generosas. Os desejos não realizados ou as vitórias conquistadas e sofridas. Cada sorriso e cada lágrima com sua história, tudo fascina e atrai minha atenção. Gostaria que todos pudessem também se inebriar do magnífico que é viver nossa realidade em sua íntegra.

Se, às vezes, somos tentados a odiar certas circunstâncias, é preciso lembrar que

nada pode nos acontecer que nos torne insignificantes, a não ser nossa decisão de não querer ver nossa importância. Estar vivo é o maior milagre que nos acontece neste exato momento. Posso qualquer coisa se decido buscar de todo o meu coração. E sempre serei aceita se for capaz de não me rejeitar.

Eu sou você. Você é minha extensão.

Tudo que sofro, você pode sofrer. Tudo que desejo, você pode também desejar.

Tudo que realizo, você pode realizar.

Tudo que amo, você também pode amar.

Nunca, jamais, terei o direito de criar fantasias a seu respeito. Só posso saber aquilo que você disser de você mesma.

Seus desejos imediatos, seus sonhos para o amanhã. Suas dúvidas, seus medos, suas carências e preferências.

Acima de tudo, devo aprender a silenciar diante das explosões de temperamentos, porque quando elas passam, fica somente o resultado da minha dedicação em saber esperar.

Às vezes, faço coisas que não gostaria no sentido de ferir alguém, sem esse propósito; daí, a docilidade da compreensão do outro.

Perdoar-me e perdoar o outro é aceitar minha fragilidade para que possa superá-la e, ao mesmo tempo, incentivar a melhora do meu colega de caminhada.

Falar de modo audível comigo mesma.

Olhar-me no espelho. Ver, admirar ou corrigir o que for preciso.

Gostar do que sou.

Conversar com o outro, observar suas características e expressar meu carinho, meu prazer em sua companhia.

Tudo isso facilita o diálogo e faz estabelecer o respeito mútuo, essencial no processo do encontro entre as pessoas.

Respeito — ato ou efeito de reverência.

Respeitar, reverenciar, honrar, ter em conta, não causar dano a.

Minha emoção cresce ao deparar-me com significados tão profundos. Veja bem o encanto de se poder compreender as palavras e, mais que isso, empreender o sentido das mesmas.

Quando dedico reverência a um objeto ou pessoa, coloco nela o que de melhor possuo: o meu sentimento de admiração pelo belo, o meu olhar de total aceitação e unidade.

Honrar, exaltar o que existe de bom, valorizar como um tesouro, é assim que quero ver o meu próximo.

Ter em conta. Não ignorar, mas registrar o que a pessoa emite por existir. Fazer-me presente a ela oferecendo-lhe dadivosa atenção. Não causar dano, não melindrar, reconhecer o seu espaço, pensar bem antes de falar ou agir. Fazê-la mais amada, mais útil, ainda que tenha um ou cem anos de idade, não importa.

Que a confiança possa brotar, crescer e se fortalecer entre nós. É isso que desejo também a você, enquanto prendo sua atenção e recebo o seu amor. Sem você, eu não existiria. Sem você estaria condenada ao esquecimento porque minhas palavras escritas não encontrariam eco.

Sei e sinto que há comunhão entre nós. Homem ou mulher, eu e você somos interligados pela busca da transcendência. Nosso motivo de estar no mundo é muito maior do que podemos imaginar. Isoladamente nada somos, mas, desde que haja uma aliança entre, nós, seremos tudo. Nada e ninguém pode neutralizar a força das mentes afins. Uma aliança não tem começo nem fim, é uma totalidade, um elemento que surge para

dizer ao mundo que somos um só querer, um só destino: servir. Servir e deliciar com a resposta do nosso trabalho, cuja motivação é, unicamente, a satisfação do nosso beneficiado.

Um certo homem, um desses sábios anônimos no meio da multidão, disse-me com voz grave e olhos a sorrir:

— Sabe, irmã, nós vivemos para dividir diferenças. Um dia sou todo bom humor e você é só tristeza. Noutro dia, dá-se o inverso e assim a vida passa e suportamos uns aos outros, se tivermos boa vontade.

Fui embora recordando suas palavras. Ele é um homem simples, dessas pessoas raras que vivem para servir. Tudo o que faz é com absoluta dedicação. Adepto da Verdade, sobrevive do acréscimo da atenção que dispensa a cada ser humano que dele se aproxima. Gosto de sua alma, uma grande alma.

Hoje são 16 de fevereiro de 1999. Uma tarde bela e de exuberante frescor — aqui na sala e no alpendre de nossa casa —, apesar do calor intenso lá fora. Sinto-me feliz com a visita de nossa filha Luana. De novo a gatinha aparecida entra e se enrosca em minhas pernas, toda dengosa e mansa; ela veio, gostou e ficou. Dizem que os gatos gostam é da

casa. Pode até ser, mas penso que eles gostam é do conjunto todo. De manhã se esticam ao Sol. Deitam, dormem, andam aqui e ali. Fazem carinho em todos e em si mesmos. Gozam do dia folgadoamente. Parecem felizes e calmos.

Amanhã será quarta-feira de Cinzas, para este País do Carnaval, como infelizmente tem sido chamado. Parece-me intrigante o fato de tanta fantasia, tanto nudismo, tanto exagero, drogas e violência, enquanto que, para se alegrar realmente, os recursos lúdicos possam vir de fontes bem diferentes e originais. Brincar, desligar-se do mundo sério e voltar a ser criança é uma conquista da qual se pode usufruir a cada final de semana. São várias as escolhas para o prazer, basta que haja disposição para a alegria.

A ciência prova que o maior alimento para a alma humana é o toque ou tato: abraçar, ser abraçado, sentir a força das mãos, sentir o calor da pele, criar o hábito do contato freqüente é de uma riqueza incontestável para as pessoas em todas as idades e condições. Não esse encontro de mariposas e marimbondos, foliões desenfreados que extravasam um mar de emoções reprimidas o ano todo e que, a seguir, retornam ao pro-

cesso de distanciamento e até de frieza no trato, para com os companheiros efetivos na família ou no trabalho.

Disse uma senhora negra, numa reportagem para a TV:

— Nesses dias de folia nos sentimos poderosos porque é a plebe que reina. Depois vem o dia-a-dia até que o ano passa e de novo reinaremos por mais uns dias. É assim nossa alegria.

Este é o nosso mundo, dias seguidos de todas as extravagâncias carnais. Depois, os ritos de Paixão de Cristo durante quarenta dias absorvem a atenção dos mesmos foliões, como piedosos devotos. O passado se torna cinzas e o presente também. Sim, terminada a seção de fantasia, vem a dura realidade do cotidiano dessa gente sofrida. Suas casas apinhadas nos morros sujeitas à desmoronamentos, dão à vista cenas de dor e abandono social.

Pobreza, ignorância, desemprego e crimes! Prefiro não anestesiá-las mentes. Prefiro encarar os fatos e, ainda que sofrendo, buscar alternativas permanentes para que a alegria possa durar o tempo todo. Os governantes do País do Carnaval não se dão conta desses fatos.

A criatura humana traz dentro de si o chamado para o infinito. Viemos de Deus,

n'Ele vivemos e para Ele retornaremos. Daí, a necessidade vital de uma conduta consciente. Como seres racionais, nada consegue desviar os nossos olhos da realização plena. Folias, Cinzas ou promessas políticas que tentam, mas não conseguem manter o homem como objeto, não funcionam.

A realidade não pode ser camuflada. Um cidadão feliz é aquele que sabe que seu direito é garantido, porque lhe é de direito. Ele sabe que há pão em sua mesa, que a vida é pródiga e que possui um lugar neste imenso celeiro. São poucos os que conquistam tal condição.

Quanta gente usada, malograda e esquecida; quanto choro à meia-noite. Quantos levando vantagens às custas da ignorância e da boa vontade de tantos outros? Dinheiro e mais dinheiro em mãos incapazes para o bem comum. Por trás dos bastidores carnavalescos, comportamentos indignos, repugnantes, mesquinhos.

Brasil, esse nome forte como a madeira que lhe emprestou o nome. Pena que sendo uma potência agrícola, seja também grande no índice de desnutrição. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo são cidades onde se concentram famílias vindas dos mais distantes e

diversos lugares. Pessoas simples que deixam sua história e vão em busca de ilusão. A maioria termina debaixo das pontes ou nos calçadões a esmolar ou a roubar, por falta de uma política adequada que se preocupe em fixar, na terra de origem, esses homens cuja inclinação é a agricultura. Na cidade grande, experimentam somente abandono e solidão.

Ao lado das favelas pode-se ver casas e prédios suntuosos. Pessoas que, embora escravas do medo, usufruem o melhor da vida em todos os sentidos, em contraste àquelas vidas tão absurdamente desamparadas e tristes. Muito poderia ter sido feito. Perde-se tempo, perdem-se vidas. Percebo que quando tomo uma iniciativa qualquer, outros se aproximam para auxiliar. Isso se dá desde o mais simples gesto humanitário, até aquelas obras de grande vulto. É preciso sair de si e dar os primeiros passos rumo ao equilíbrio social. O povo precisa fiscalizar e cobrar justiça. Cada um de nós podemos colaborar, pois tanto no trabalho de recuperação da própria auto-estima, quanto na elevação moral do outro, é necessário não só avaliar, mas avalizar, isto é, entregar-se, partindo em busca da solução prática. Nosso povo é profundamente solidário, o que falta é um

pouco mais de consciência dos próprios direitos. Direitos a adquirir efetivamente.

Somos uma Pátria de irmãos, o que nos falta é um modo de vida condizente com nossos sentimentos. Acredito que, nas próximas décadas, uma nova relação há de ser estabelecida entre os governantes e o povo em geral. Dias melhores virão. Faremos acontecer e, além do que, o brasileiro é inteligente, forte e de uma expressiva fé em Deus. Acredito que a paz em nosso meio seja advinda de nossas orações.

Embora a Ciência avance de forma espantosa, não perdemos o interesse pelos assuntos espirituais. Deus é nosso Mestre, nosso Pai, nosso Guia. Acima de tudo, sabemos que Deus é amor. E se fomos criados à Sua imagem e semelhança, é isso que devemos despertar em nós a cada dia. Esse é o caminho, a verdade e a vida. Ser como o Pai, que espantoso privilégio!

Foi assim que Jesus viveu. E foi defendendo o que Ele acreditava que morreu na cruz. Absolutamente incompreendido por aqueles que retinham o poder nas mãos, não buscou defesa própria em nenhum momento. Ele foi a verdadeira imagem do silêncio. Um silêncio que bradava nas consciências, que instigava à reflexão, que ainda hoje

norteia o destino de alguns poucos, que ousam viver o Seu exemplo de amor e fidelidade irrestritos.

Ao silenciar a voz do meu ego, coloco-me no lugar do outro e posso compreender sua necessidade de aceitação e de valor. E assim, descubro que viver é uma permanente troca. Um toma lá, dá cá, incessante.

Quisera Deus que seu projeto de Amor Integral fosse experimentado por cada ser humano em toda a face da Terra. Haveria equilíbrio, segurança, paz e criatividade infinita a nosso dispor.

Somos na realidade aquilo que Deus é. Somos frutos do amor e da perfeição. Jesus disse que se a semente cai em terra fértil, produz cem por uma. Essa terra fértil é a consciência da presença da grandeza absoluta de Deus em nós; n'Ele e através d'Ele posso tudo. Seu paradigma molda, de modo extraordinariamente correto, a conduta dos Seus filhos. Aqueles que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir... Esses são aqueles poucos...dois ou três reunidos no Nome, na Pessoa, no Caráter de Jesus Cristo. Não estou a referir-me à Igrejas. Refiro-me ao Batismo que a Doutrina de Cristo prega, o mergulho no amor incondicional.

Sim, é preciso muita coragem para romper com essa cadeia invisível que tende, a qualquer custo, prender o homem às vertentes dos desejos egoísticos. Tais desejos vêm mesclados de subterfúgios, brilhos e promessas que, na realidade, torna a criatura humana escrava de si mesma. Rouba-lhe a originalidade e o frescor essencial. Sua existência deixa de ser uma oportunidade de exalar o perfume da compreensão mútua. E vazio dessa compreensão torna-se como que sombra do nada. Mero vulto zigue-zagueante num mundo que nada oferece em termos de juventude e vida interior.

É preciso silêncio para se ouvir a voz que chama, indicando o caminho de volta ao lar... É preciso querer voltar!...

Pensando um pouco mais...

Já estamos no mês de janeiro de 2003. Nosso país causa espanto ao mundo ao eleger, por votos diretos, um trabalhador comum, um ex-operário metalúrgico, como Presidente da República, sucedendo um outro homem, que fora considerado o mais preparado intelectualmente de todos os presidentes na História mundial.

Luiz Inácio Lula da Silva, um iletrado. Porém, ouvimos dele, em sua posse, duas frases extraordinárias como desabafo: "A esperança venceu o medo", "O meu primeiro diploma é o de Presidente da República do nosso país".

Na sua posse presidencial, a emoção, aliada a um extremo senso de presença no agora, fazia dele o retrato da alegria por ter persistido, por ter chorado cada derrota e por investir. E investir sem cessar, em busca do seu ideal. É um político por missão e não por profissão.

Sem dúvida alguma, ele sabe o quanto

custará ver este país se arrumando no sentido de se fazer valer a justiça social. O Presidente não governa sozinho. Em torno dele existem pessoas e as pessoas o surpreenderão.

Vivemos um tempo em que não há pudor moral. Os exemplos que temos visto da parte dos líderes, a cada dia, deixam-nos perplexos. Não será fácil fazer valer a Honestidade.

Nossa gente sofrida, ludibriada e mesmo assim incansável —quanto à esperança de que a imensa riqueza física e humana da nossa pátria possa ser administrada em prol do bem-estar de todos— faz-se uma só com o Presidente.

Há um alvoroço geral de esperanças.

Tudo quanto o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso conseguiu de bom, terá que prosseguir muito e muito mais expressivamente agora. E, na verdade, a começar por cada cidadão brasileiro. É preciso suor e compreensão. É preciso diálogo e trabalho da parte de todos.

Estejamos atentos: um olho nos políticos, outro olho nas nossas ações e intenções.

Somos o Brasil. Nós somos uma partícula do Universo Humano. Nossos pen-

samentos interferem para melhorar ou piorar a situação do mundo. Cada um de nós é responsável pelo Todo.

Buscaremos o conflito ou a paz?

Começo dentro da minha casa a incessante procura pelo amor, e o amor não é exclusivista, não visa o meu, os meus — deve ser inclusivista, visando o nosso.

Nosso país, nossos irmãos, nossas forças, nossa coragem. Até aqui vivemos de esperanças, enquanto uns poucos saboreavam o manjar. Agora, com o arado nas mãos, queremos plantar e colher. “Usando o coração como um guia e o Espírito como sua bússola, certamente irá encontrar o seu rumo”, disse Déborah L. Price, no seu livro *Terapia do Dinheiro*, p.23. Nesse momento político em que estamos entrando, esse livro deveria ser lido por cada pessoa, no sentido de passar a compreender o significado na realização pessoal da escolha certa no campo da sua profissão, desde o gari até o astronauta, e sua relação com o dinheiro, uma relação absolutamente desconhecida por todas as culturas. Desconhecida e por isso, causadora de inúmeros danos em quase todas as vidas. Tanto os ricos quanto os pobres precisam saber o que significa traba-

lhar e administrar, e o princípio desse mover está no dinheiro ganho de forma correta, na profissão correta. Queremos agora estudar e trabalhar.

Queremos viver um novo tempo, afinal é preciso evoluir, é preciso caminhar juntos, disse Jesus Cristo na Sua doutrina sociológica. E Sua palavra permanece para sempre.

Mãos à obra, amigos!

Notas bibliográficas:

1. Pv 4:23
2. Huberto Rohden – Porque sofremos?
3. Mt 4:04
4. Jo 15:12
5. Ct 8:06
6. I Cor 13:07
7. Presídio infernal, desativado em 2002 São Paulo.
8. Associação dos Alcoólicos Anônimos.
9. Is 40:31
10. Gn 4:07



Minha proposta de escrever um livro tão pequeno, foi no sentido de facilitar a leitura para quem ama e para quem não gosta de ler.

O assunto não é ficção.

Não é psicologia.

É apenas o discorrer da vida de uma mulher que como você, viveu e vive a aventura de querer ser feliz, de acreditar que este mundo tem como se tornar melhor.

Vamos?

Nos encontraremos nas entrelinhas...

